

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RENATA APARECIDA NAZÁRIO GOMES

**AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS DO CIM SANTA INÊS
SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

BELO HORIZONTE

2015

RENATA APARECIDA NAZÁRIO GOMES

**AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS DO CIM SANTA INÊS
SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Docência na Educação Infantil pelo curso de Pós Graduação *Latu Sensu* em Docência na Educação Infantil Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Cecília Vieira do Nascimento

BELO HORIZONTE

2015

RENATA APARECIDA NAZÁRIO GOMES

**AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS DO CIM SANTA INÊS
SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Docência na Educação Infantil pelo curso de Pós Graduação *Latu Sensu* em Docência na Educação Infantil Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 28 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Cecília Vieira do Nascimento (Orientadora)

Universidade Federal de Minas Gerais

Cibele Noronha de Carvalho (Professora convidada)

Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que me concedeu esta oportunidade e me carregava no colo em todos os momentos.

A minha filha Isabelle, amor e razão de minha existência, que em tantos momentos de distância vivenciou com alegria, deixando transparecer em seu rosto que torcia por mim.

Ao meu amado esposo Willian pelo carinho e incentivo para que continuasse o percurso nos momentos mais difíceis.

A minha querida mãe Inês, em quem, a todo o momento, buscava apoio e estímulo para seguir a minha trajetória de vida e de formação, o seu apoio e amor foram incondicionais.

A meu pai Sebastião, meus avós maternos, José Raimundo e Maria da Glória por sua torcida pela minha caminhada.

Em especial a toda a minha família que contribuiu em todas as ocasiões na realização desse projeto de vida: meus irmãos Reinaldo e Renato, minhas cunhadas Juliana e Kênia, meus sobrinhos Pedro Henrique e Kauan, todos meus tios e tias, mas não posso deixar de citar o nome de alguns que me ajudaram de maneira direta: Maria de Fátima, Toninho, Tio Joaquim, que chorou comigo, Tio Raimundo, Tia Isabel, Tia Ilda e Tia Rosária. Minhas primas e primos, Camila, Cíntia, Dany e Felipe. Sua contribuição foi fundamental, pelo interesse em contribuir com a minha formação profissional, muito obrigada.

A minha querida amiga Josi, a quem Deus tem levantado para contribuir com meus sonhos, sempre me auxiliando.

A minha amiga Andréa e sua filha Ana Priscila que de modo especial se envolveram nesta jornada, pela acolhida em sua casa e pela dedicação com que nos momentos mais difíceis, fizeram-me sorrir, e pela doação e carinho ao realizarem leituras e (re) leituras nas madrugadas, com uma generosidade e demonstração de carinho. A minha fiel amiga Alexandra, por acreditar em mim e as minhas amigas que conquistei nesta caminhada, Dani Lacerda, Marília, Cláudia, Simone, Darlene, Lídia, Miriam, tendo em conta a presteza e carinho que lhe são peculiares, no momento e na hora certa com uma palavra amiga no momento necessário: “respira Renata, você consegue”... Suas palavras e afeto valeram ouro.

À minha orientadora Cecília Vieira do Nascimento por ter me acompanhado nesse percurso, meus sinceros agradecimentos.

A professora Cibele Noronha de Carvalho pela generosa contribuição ao ler meu trabalho na banca de qualificação.

Ao professor Ademilson de Sousa Soares (Paco), professor Sandro Vinicius Sales dos Santos, professor Ricardo Carvalho de Figueiredo por sempre me incentivarem.

As professoras Sandra e Claudiomara por suas ricas contribuições e abertura de fazer pesquisa em seu ambiente de trabalho.

E às crianças do CIM Santa Inês que foram as essências desta pesquisa.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as expectativas das crianças com relação a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Através de desenhos e conversas foi possível perceber que, apesar do receio do desconhecido, existe uma expectativa positiva com relação ao ingresso no Ensino Fundamental. Com isso pode-se inferir que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, representa um marco significativo para a criança, podendo criar ansiedades e inseguranças. Sendo assim, essa transição deve estar no horizonte dos profissionais que atuam nestes segmentos. Essa transição pela qual passa a criança entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental devem acontecer sem prejuízos sociais e pedagógicos. Nesse contexto nossas atenções se voltam principalmente para as crianças de 5 anos. A preocupação de entender a infância e sua singularidade, para a realização de um trabalho na Educação Infantil e no Ensino Fundamental que articule o brincar, o cuidar e o educar.

Palavras-chave: Criança, Infância, Educação Infantil e Ensino Fundamental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Escola de Educação Infantil representada pela criança Nina	37
Figura 2: Escola de Educação Infantil representada pela criança Jane	38
Figura 3: Escola de Educação Infantil representada pela criança Tina	40
Figura 4: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Nina	41
Figura 5: Escola de Educação Infantil representada pela criança Lili	42
Figura 6: Escola de Educação Infantil representada pela criança Joca	42
Figura 7: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Duda	43
Figura 8: Escola de Educação Infantil representada pela criança Mandinha	43
Figura 9: Escola de Educação Infantil representada pela criança Lalá	44
Figura 10: Escola de Educação Infantil representada pela criança Cacá	45
Figura 11: Escola de Educação Infantil representada pela criança Carol	46
Figura 12: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Tônico	47
Figura 13: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Carol	49
Figura 14: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Cacá	50
Figura 15: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Joca	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: O que tem mais significado para as crianças na Educação Infantil	39
Gráfico 2: Quantas crianças acham que vão brincar no Ensino Fundamental	47
Gráfico 3: Comparativo entre crianças que desejam e não desejam ir para a escola de Ensino Fundamental	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
UM NÓ A SER DESATADO: MEU OBJETO DE PESQUISA.....	15
CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA E CONCEPÇÕES DE CRIANÇA: A EDUCAÇÃO INFANTIL, TEMPO DE VIVÊNCIAS DE DIREITOS	20
1.1 OS DIREITOS BASILARES DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	21
1.2 A CRIANÇA COMO SUJEITO ATIVO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	23
1.3 A CRIANÇA E SUA PECULIARIDADE SOCIOECONÔMICA.....	24
CAPÍTULO 2 – ITINERÁRIOS DE PESQUISA	26
2.1 CARACTERIZANDO O ESPAÇO PESQUISADO.....	29
2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	31
2.3 PARTICIPANTES.....	31
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	34
CAPÍTULO 3 – AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS DO CIM SANTA INÊS SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL	36
3.1 A VISÃO DAS CRIANÇAS SOBRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS PERCEPÇÕES INICIAIS QUE POSSUEM SOBRE A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL	36
3.2 POSSÍVEIS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL APONTADA PELAS CRIANÇAS	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO 1	57
ANEXO 2	60

INTRODUÇÃO

Toda pessoa grande foi criança um dia...
Mas poucas se lembram disso. (Antoine de Saint-Exupéry)

Fui costurar retalhos. A ideia era costurar uma colcha de retalhos. Ao pegar cada pedaço de retalho, lembrava-me de pessoas, acontecimentos. Era como se cada um deles tivesse uma história para contar. Cores que à primeira vista, não combinavam. Padrões e desenhos, totalmente diferentes, mas tudo se juntou. Pontas de tecidos da alma e do coração se uniram, formando uma colcha de retalhos.

A história de uma pessoa é como uma colcha de retalhos: ela é formada por acontecimentos, dos momentos de alegria e de tristeza, dos sonhos, da vida de cada um. Somos um pouquinho da vida de nossos pais e avós, das pessoas que estão à nossa volta. Minhas memórias de ontem e hoje, vão construindo as memórias do futuro. O que vivi? O que me marcou? Do que me lembro com mais carinho? Quem foi importante para mim nessa caminhada? Essas perguntas se fazem presentes neste texto, bem como muitas outras que surgirão durante os momentos de escrita.

Como, nas palavras de Galeano (1994, p. 16), “Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida”

Uma colcha com múltiplos retalhos: minhas histórias, nossas histórias, tratam da minha trajetória pessoal que se interliga com meu percurso profissional. Do lugar de onde narro, juntando os retalhos, entre alinhavos e costuras, lembro de minha infância e suas especificidades.

Pontos, nós e arremates; o lado contrário, o avesso da colcha de retalhos, conforme afirma Clarice Lispector, (1998, p.25) “Ainda bem que tudo que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim.” Ou seja, faço este exercício, recorrendo ao passado de minha infância, como se estivesse produzindo rascunhos de mim.

Nascida em maio de 1980, além de ser a primeira filha, era a primeira neta dos meus avôs maternos e tive o privilégio de nascer no dia do aniversário da minha querida mãe. Dois anos se passaram e minha mãe dá à luz a meus irmãos, que são gêmeos. Morávamos no quintal da casa de meus avôs maternos, no bairro Industrial, no município de Contagem/MG, o que ajudava minha mãe nos cuidados com os filhos. Seus pais, irmãos e irmãs estavam sempre presentes. Eu costumava ficar mais na casa dos meus avôs do que em minha própria casa.

Fechando os olhos e eis que em um instante me vejo aos 5 anos de idade, sentada na copa da casa de meus avós. Ali me deparava com um vasto mundo, cheio de portadores de textos, sentados na mesa, eu e meu avô José Raimundo, que sempre lia para mim os livros que tinha em casa, jornais, trechos da Bíblia. Apesar dele não ter estudo, gostava de estar sempre informado, dispunha de uma sabedoria invejável.

Ao me propor na escrita deste texto, o uso desta metáfora “Colcha de Retalhos” teria sido casual? Não foi! Pois minha história de vida sempre foi entrelaçada por linhas, pontos, costuras e retalhos. Tive uma infância com as marcas dessa realidade, pois meu avô, José Raimundo, era alfaiate e minha avó, Glorinha, tornou-se costureira. O meu avô lhe ensinou o ofício e minha mãe e tias também dominavam a arte da costura.

Atualmente, em 2015, minha avó Glorinha, além de fazer crochê, tricô, almofada, tapete também de retalhos de pano, dedica-se a fazer lindas colchas de retalhos, para dar de presente a cada membro da família. Inclusive, nesse momento, está fazendo a minha.

Quando me lembro da minha bisavó Dorvalina, posso quase tocá-la, tão vivas se tornam minhas lembranças ao vê-la costurando. “Uma costureira de mão cheia é Dona Dodá,” dizia a sua clientela.

Apesar de eu vivenciar este cotidiano de tantas linhas, botões, agulhas entrelaçando entre tecidos, nada entendia da arte de costurar, bordar, de tecer fios ou coisas semelhantes. Contudo, era desejo de minha avó Glorinha que eu aprendesse sua arte. Mas eu, mal sabia pegar em uma tesoura, quanto mais conseguir cortar e cozer roupas. Certa feita, um tanto chateada com as cobranças de minha avó, disse: - Vó Glorinha quer saber, a senhora trabalha com as máquinas, com as agulhas, as tesouras. Eu trabalho com as canetas, com as máquinas de datilografia, com os livros, com a escrita. – Como algumas coisas em nossas vidas demarcam território!

Escolhi este tema de pesquisa em virtude da minha trajetória de vida pessoal e profissional. Quando criança frequentei uma instituição de Educação Infantil, o pré-escolar da Associação Comunitária do Bairro Industrial, na cidade de Contagem, da qual o meu pai era presidente, além de presidente da Creche Comunitária Criança Feliz do bairro. Eu era encantada com aquele mundo. Neste momento, já começava a despertar em mim o desejo de ser professora.

A minha primeira professora, da Pré-escola, Tia Iraci, era como um presente de Deus! Muito carinhosa e paciente, mesmo inconscientemente, incentivava-me a ser professora. Escolhia-me para ser sua ajudante, dando oportunidade de tirar as cópias das atividades no mimeógrafo para ela. “Renatinha! Pode tirar uma cópia a mais para você levar para casa e brincar de escolinha.” Ainda posso escutar em meus ouvidos a sua doce voz falando: “Crianças vocês têm que ler bem;” “Treine a leitura e as palavras para o ditado;” “Colorir sem rabiscar, de levinho”, “Não descuide da letra cursiva”, “Faça bem bonita, pois a primeira série espera por vocês e a professora na escola grande vai exigir”, “Leitura em voz alta, sem tropeçar”. Ela dizia que queria todos os seus alunos com bom desempenho na 1ª série, sem nota vermelha.

No final do ano, despedidas, formatura, alunos e alunas embarcando para a primeira série. Minha professora da primeira série era muito rígida, ríspida, insensível, e por mais que eu me esforçasse, nunca parecia ser o suficiente para ela. Treinava bastante a leitura em casa e quando chegava na escola, gaguejava, era só decepção! Em matemática, então, já preparava para escutar dos colegas “não sabe, não sabe, vai ter que aprender orelha de burro, cabeça de E.T.”.

A minha primeira série foi cheia de traumas, descontentamento total com a professora e com a escola. Queria voltar para a Associação, queria a minha professora de volta: que saudade! A minha família ficou muito preocupada e sentia como o desânimo tomava conta de mim. A minha sorte foi que eles se uniram para incentivar-me. A minha bisavó materna, Vovó Dodá que atuou na docência por muito tempo, passou a me ajudar com as matérias. Meu avô José lia jornal para mim e eu lia para ele. Minha avó Glorinha dizia sempre assim: “Você vai conseguir!” Minhas tias maternas me tomavam a leitura. Comecei a fazer leitura na missa de domingo e minha mãe sempre dizia: “Nós não vamos deixar a peteca cair, minha filha”!

Hora de pegar o boletim final. Minha mãe já estava em prantos, pois a professora deixou para entregar o meu por último, enfatizando que para os últimos não tinha uma boa notícia. Chamou minha mãe e disse: “Sua filha passou de ano na ponta da beirada, passou de raspão. Ela passou muito fraca, estude muito com ela, pois senão ela vai tomar bomba na segunda série.” A minha mãe chorou muito e foi embora apressada para me dar a notícia de que tinha conseguindo passar de ano. Nas férias de janeiro, dediquei-me a refazer todas as avaliações que a professora entregou no envelope, com a ajuda de minha Tia Ilda. Ela comprou um caderno e encheu de atividades para serem feitas.

A segunda série foi um oásis! Encontrei uma professora especial, professora Regina. A minha história toma um novo rumo! Voltei a sorrir, a sonhar em um dia ser professora e o gosto pelos estudos voltou. Conheci uma amiguinha, a Viviane Mara Silvestre, que moravam duas ruas após a minha. Nos tornamos grandes amigas e compartilhávamos o sonho de ser professora. Esse momento da minha infância foi muito significativo, pois começa uma jornada de alegria e vivências positivas. A mãe dela era professora, a Dona Geralda, que me incentivava. Estudávamos pela manhã e à tarde tinha a oportunidade de ir para casa da Viviane, que dispunha de um espaço com quadro-negro, giz branco, giz colorido, mesinha, cadeirinha, um parquinho (gangorra, carrossel, bondinho de quatro lugares); era uma “mini- escolinha”. Ali, brincávamos de escolinha, com tudo que tínhamos direito e, quando havia para casa da escola ou trabalhos escolares, fazíamos juntas. Viviane dispunha daquela tão sonhada caixa de lápis de cor Faber Castell.

Todos os dias, quando eu ia para escola, chamava a Viviane e sua mãe já tinha preparado um lanche para ela e para mim, pois sabia que a minha família não dispunha de condições. Estudamos o Ensino Fundamental juntas e também o primeiro ano do Ensino Médio. Depois, nos separamos. Optamos pelo mesmo curso, Magistério, porém eu estudava na parte da manhã e ela à tarde. Encontrar a família Silvestre foi como encontrar um grande tesouro. Pelas pessoas que são, me proporcionaram vivenciar uma infância rica de sabedoria e emoção. O tempo que passamos juntos deixou experiências marcantes. Sempre me acolheram e, por isso, não tem como esquecer-los, pois, compõem mais um retalho da minha colcha, da minha história.

Neste percurso, assim que ingressei no curso de Magistério no ano de 1995, minha prima Cláudia montou uma escolinha particular e, sabendo que eu estava fazendo magistério, me convidou para trabalhar com ela. Não pensei duas vezes e aceitei o convite! Sentia-me nas nuvens, fazendo o que mais gostava e estudando também. Trabalhei com ela por cinco anos.

O magistério foi uma grande conquista na minha vida, pela qual todos os meus familiares torceram por mim e me apoiaram. A minha formatura foi vivida por todos como um grande marco, pois a primeira neta tinha se tornado professora. Meus pais prepararam um anel de formatura, um buquê de rosa, um banquete. Neste compasso, prestei alguns concursos públicos, mas não consegui me efetivar; então, como trabalhava sem carteira assinada na escolinha da minha prima no turno da tarde, pela

manhã, como já havia concluído o curso de magistério, comecei a dar aulas particulares.

Estava necessitada de uma carreira mais consistente, então comecei a entregar currículos e, no ano de 2000, consegui trabalhar na primeira creche comunitária em Belo Horizonte com o vínculo de CLT. Até 2003, trabalhei na creche e logo após surgiu uma oportunidade de trabalhar em uma escola, a Escola Madre Luiza Locatelli/AMPC-Associação Mineira de Proteção à Criança. Nela,, apesar de eu atuar no Ensino Fundamental nos anos iniciais, a dinâmica de funcionamento/atendimento da escola era parecida com a da creche, pois eu trabalhava em horário integral com a mesma turma.

Minha experiência inicial naquela escola foi com uma turma, a antiga primeira série, substituindo uma professora que estava doente. Mas trabalhei com anos escolares iniciais até o ano de 2007, quando saí para licença maternidade, para ter minha filha Isabelle.

Com desejo de fazer um curso superior, tive oportunidade de fazer Letras, mas abandonei o curso ainda no primeiro período, pois me dei conta de que a Pedagogia era o que me esperava. Em 2010, ingressei no curso com ajuda da minha querida mãe, meu braço direito, e de meu esposo que também cuidadosamente me apoiava.

A infância faz parte de nós e, conforme afirma Walter O. Kohan (2003, p.245), “Ela é condição. Não há como abandonar a infância, não há ser humano inteiramente adulto. A humanidade tem um sôma infantil que não lhe abandona e que ela não pode abandonar”.

Refletir sobre a minha história de vida, sobre a minha infância, é trazer à memória as brincadeiras de rodas, “o pirulito que bate bate..., a casinha da vovó cercadinha de cipó..., Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar...”

Nestas lembranças, sinto-me convidada a entrar neste movimento de mãos dadas, como numa brincadeira de roda, com alegria, com desejo e ritmo, fazendo a roda girar; pacientemente fazer a meia volta e rever, refletir sobre as perspectivas das crianças de 5 anos, sobre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

Nesta reflexão, proponho-me a olhar com o olhar da criança, colocando a criança na roda, sempre observando sua relação com o outro, e, de mãos dadas, apostar na volta-e-meia que vamos dar, pois é preciso prosseguir, é preciso avançar.

Afinal, “tudo principia na própria pessoa e todos os dias, crianças, com brilho nos olhos, entram na roda entregando o seu coração”, “Vamos fazer desta Ciranda, cirandinha, uma amorosa atitude de cuidar de uma criança”?¹

Saliento aqui como minha trajetória profissional é marcada por estar perto de crianças que iniciam a escolarização e com as quais compartilho a tarefa de contribuir para que essa inserção aconteça de maneira positiva e significativa.

Dando continuidade à minha trajetória profissional, costurando mais um retalho na colcha, em 2008, foi-me concedida à oportunidade de trabalhar no Município de Betim, pois no bairro em que resido foi inaugurada uma Creche conveniada com a APROMIV (Associação de Proteção à Maternidade, Infância e Velhice)². Inicialmente, atuei como educadora da turma de 4 anos, depois fui ser educadora de apoio e posteriormente, a coordenação me convidou para ajudá-los, assumindo a função de auxiliar administrativo.

Neste contexto, a instituição passou em 2010 pelo processo de municipalização e, em meados de outubro, assumi a direção, com cargo comissionado pela Prefeitura Municipal de Betim. A instituição passa a se chamar então, Centro Infantil Municipal Sônia Maria Ferreira.

O processo de municipalização aconteceu em várias creches de todo o município de Betim, o que culminou no primeiro concurso público para Educação Infantil, publicado em 2011, com data inicial de posse em julho deste mesmo ano. Nesta ocasião, prestei concurso para educadora infantil e tomei posse naquele ano.

No ano de 2012, fui convidada a ser Coordenadora Pedagógica no Centro Infantil Municipal (CIM) Santa Inês e permaneci no cargo até junho de 2014. Hoje sou Tesoureira na instituição.

UM NÓ A SER DESATADO: MEU OBJETO DE PESQUISA

¹ Versos extraídos de duas canções de Luiz Gonzaga Júnior.

² A APROMIV (Associação de Proteção à Maternidade, Infância e Velhice) é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1971. Promove programas e ações sociais voltadas para o atendimento e a promoção dos direitos da criança, do adolescente, do jovem, da mãe e gestante, do idoso e das famílias em situação de vulnerabilidade social. As atividades desenvolvidas pela entidade acontecem em parceria com os governos municipal, estadual e federal. A APROMIV conta também com contribuições de sócios, promoção de eventos e doações principalmente de recursos alimentícios, roupas e materiais para artesanato. É localizada no Bairro Angola, na Cidade de Betim/MG.

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar as expectativas das crianças de cinco anos do Centro Infantil Municipal do Bairro Santa Inês, no Município de Betim/MG, sobre a transição da Educação Infantil para a escola de Ensino Fundamental. Pretende-se refletir sobre as percepções das crianças acerca das brincadeiras, da leitura e da escrita presentes na Educação Infantil e na passagem para o Ensino Fundamental, buscando descrever a visão que possuem sobre estes dois níveis de ensino.

O meu tema de pesquisa vai de encontro a minha prática profissional, especialmente quando, na função de coordenadora, em 2012, para dar suporte a uma professora que atuava na turma de 5 anos, a Secretaria Municipal de Educação de Betim lançou um desafio para se pensar melhor sobre a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

A proposta da Secretaria de Educação era desenvolver um projeto que favorecesse um diálogo entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, levando os alunos de cinco anos a terem contato com a realidade que os esperava no ano seguinte. Engajada neste processo e, como neste momento já estava cursando a graduação em Pedagogia, para absorver e garantir êxito neste trabalho resolvi escrever meu artigo de graduação sobre a passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, tomando como nota a tese da Vanessa Ferraz Almeida Neves que fundamentou e embasou todo o trabalho desenvolvido.

Neves (2010, p.34), reforça que nos documentos sobre a Educação Infantil há uma referência implicitamente negativa ao Ensino Fundamental, relativa às práticas disciplinadoras. Também nos documentos acerca do Ensino Fundamental revela-se uma referência igualmente negativa à Educação Infantil, relativa à pouca sistematização do conhecimento.

Considerando algumas pesquisas sobre a Educação Infantil e sobre o atual Ensino Fundamental de nove anos, a partir da aprovação da Lei Federal nº 11.274 de fevereiro de 2006, delimitei meu foco de estudos a partir da seguinte indagação: Quais as expectativas das crianças de cinco anos sobre a transição da Educação Infantil para a escola de Ensino Fundamental?

Quando realizo a pesquisa com as crianças, percebo que tenho a oportunidade de tráfegar no seu universo. Como afirma Herculano Ricardo Campos e Rosângela Francischini

os rumos que a investigação toma vão sendo construídos e reconstruídos na interlocução pesquisador-criança, cada qual redefinindo a fala do outro e o contexto, sem deixar de considerar as diferenças decorrentes dos distintos papéis que ocupam nessa relação. (CAMPOS e FRANCISCHINI, 2004, p. 72)

É possível garantir um envolvimento da pesquisadora com a criança que venha articular suas expectativas com relação a escola de Ensino Fundamental. Nessa direção, a pesquisa qualitativa vai demandar que a pesquisadora tente se colocar no lugar do outro, no intuito de recolher vivências e experiências a fim de interpretar, de forma mais autêntica, a realidade e expectativa do indivíduo.

Campos e Francischini (2004) sugerem que:

Diferentes visões de infância orientam o compromisso do investigador no que diz respeito às escolhas metodológicas (procedimentos, perspectivas de análise de dados) e às implicações de seu trabalho, seja no sentido de desocultar a produção de um modo de pensar uma infância homogeneizada, seja na perspectiva de reiterá-lo. É considerando a primeira dessas direções que se adotam as perspectivas sócio-histórica e discursiva e as reflexões que vêm sendo feitas em torno da pesquisa qualitativa, enquanto referenciais para nossa reflexão. (CAMPOS e FRANCISCHINI, 2004, p. 71)

Para responder à questão proposta, tenho como objetivo geral identificar e analisar as expectativas das crianças de cinco anos do CIM Santa Inês sobre a transição da Educação Infantil para a escola de Ensino Fundamental.

Este estudo tem ainda como objetivos específicos:

- Descrever a visão das crianças de cinco anos sobre a instituição de Educação Infantil.
- Analisar as percepções iniciais que as crianças de cinco anos possuem sobre a escola de Ensino Fundamental.
- Identificar o que as crianças esperam encontrar de diferença e de semelhança entre a escola de Ensino Fundamental e a instituição de Educação Infantil.

Para atingir os objetivos propostos foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa. Para Maria Cecília de Souza Minayo, a pesquisa qualitativa trabalha

com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 22).

A escolha por uma pesquisa de abordagem qualitativa parte da suposição de compreender a criança em suas especificidades, considerando o que as crianças pensam.

O trabalho foi organizado em capítulos, sendo que trago, inicialmente, um olhar sobre a infância e concepção de criança. Em seguida, no capítulo *Itinerários de Pesquisa*, descrevo os caminhos da pesquisa trilhados para se compreender as perspectivas das crianças de 5 anos acerca da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e, por fim, no capítulo denominado *As expectativas das crianças de 5 anos do CIM Santa Inês sobre a transição da educação infantil para a escola de ensino fundamental*, problematizo as questões centrais deste estudo, além de trazer as perspectivas das crianças acerca da instituição de Educação Infantil na qual estão inseridas, sinalizando que as crianças apontam para atividades mais significativas.

Nesse sentido, ao registrar a experiência infantil na transição para o Ensino Fundamental, procuro contribuir para reflexão desse processo. No âmbito da Educação Infantil, falamos em ampliação dos repertórios vivenciais e culturais das crianças como um dos objetivos a serem conquistados, assim como na necessidade de um trabalho que considere as múltiplas linguagens da infância, como defendem as Diretrizes Básicas da Educação Infantil.

Dessa forma, acreditamos ser necessário retomar a compreensão da infância e do universo lúdico infantil para refletirmos sobre a importância do brincar, das brincadeiras cantadas e dos jogos cooperativos. Como forma de possibilitar às crianças a manifestação de seu lado lúdico, para impedir que percam as riquezas da infância, as experiências de trocas durante seu desenvolvimento.

Precisamos nos comprometer a utilizar recursos pedagógicos que promovam o resgate ao direito à infância e ao lúdico. Que contribuam na formação das crianças no universo pessoal e no coletivo e que resgatem atividades lúdicas que lhes permitam expressar sentimentos, ideias, ideais, sonhos, opiniões e possibilitem-lhes aprender a perceber o outro e manifestar relações sociais de qualidade.

É nesse sentido que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil-DCNEI – orientam, no seu art.9º, que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.

O que vai de encontro ao documento do MEC, “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças (1997)”, de autoria de

Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. Esse documento tornou-se, ao longo dos anos, uma referência clássica para a Educação Infantil, porque sistematiza, por meio de doze critérios, que, segundo as próprias autoras, são “relativos à organização e ao funcionamento interno das creches, que dizem respeito principalmente as práticas concretas adotadas no trabalho direto com as crianças³”, sendo que o primeiro deles assegura que “Nossas crianças têm direito à brincadeira”⁴.

Sobre esse despertar da imaginação na infância através das brincadeiras, Vygotsky (2009) afirma,

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseadas nelas, a construção de uma realidade nova que responde às aspirações e aos anseios das crianças. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (VYGOTSKI, 2009, p.17).

Reforçando a importância do brincar, Gouvêa diz que:

No brincar, a criança interroga-se sobre o mundo em que está situada e o estranha (estranhamento é a condição primeira para compreensão e a construção do conhecimento). Através da brincadeira, a criança desnaturaliza o mundo social, ao trabalhar sua estereotipia. (GOUVÊA, 2011, p. 554)

³ CAMPOS e ROSEMBERG, 2009, p. 7.

⁴ Idem, p. 13.

CAPÍTULO 1 – UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA E CONCEPÇÕES DE CRIANÇA: A EDUCAÇÃO INFANTIL, TEMPO DE VIVÊNCIAS DE DIREITOS

Para a criança, só é possível viver sua infância.
Conhecê-la compete ao adulto. Contudo, o que irá predominar
nesse conhecimento, o ponto de vista do adulto ou da criança?
(Henri Wallon)

A epígrafe de Wallon inspira e revela bem que temos que refletir sobre a infância e sua singularidade. Entender a infância como categoria social e categoria da história humana, exige que englobemos aspectos da infância de hoje, sua história, sociedade e cultura contemporânea. Assim, analisaremos as crianças e a chamada cultura infantil, tentando entender o significado de atuarmos, como adultos, com as crianças como sujeitos socioculturais. Devemos, também, focalizar interações, tensões e contradições entre crianças e adultos, um grande desafio enfrentado atualmente.

Para isso, é necessário que diferenciemos a criança da infância. Todo processo de conceituação é difícil, pois geralmente não se pode limitar a grandeza de um substantivo e suas amplas representatividades em um mero conjunto de palavras organizadas.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21) confirma este ponto de vista especialmente sobre a concepção de criança, apontando que “A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente, vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época”.

Durante muitos séculos, a criança foi vista como portadora de poucos direitos. Em outros contextos históricos, foi considerada como um *vir a ser*, até chegar à idade da razão.

Atualmente, a criança, pelo seu momento social, é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos. Entretanto, Carvalho (p. 2) faz uma boa diferenciação entre infância e criança, esclarecendo que

Criança é hoje um sujeito social e histórico, constituído no seu presente, cidadão, portador e produtor de cultura. Já a infância passa a ser vista não mais como um tempo de desenvolvimento, mas como um tempo em si, [...], a infância é um direito inerente à criança, porém ainda há muitos casos em que a criança não usufrui deste direito.

Corroborando esta afirmação, o próprio RCNEI (BRASIL, 1998), aponta que se, anteriormente, a criança era um adulto em construção, tratado como sujeito inferiorizado, dada seu pouco discernimento sobre o mundo, a criança passa a ser, na atualidade, sujeito de direitos, reconhecida sua capacidade pensante e de curiosidade, sendo necessário o reconhecimento das individualidades dos sujeitos, inclusive das crianças, devido a sua idade peculiar.

Se a criança é esse sujeito de direitos – direitos esses explicitados de maneira mais enfática no Brasil na Lei Federal nº 8.069/1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente – a infância, então, nas palavras de Carvalho (2008), é a vivência desses direitos.

Miguel Arroyo⁵ (1994) afirma que cada idade tem sua identidade. Cada idade não está em função de outra idade. Cada idade tem em si mesma, uma identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria como idade e não como preparo para outra idade.

Arroyo (1994) faz um convite à reflexão, para que as propostas políticas pedagógicas sejam construídas de modo a superarem a concepção de infância como objeto de assistência. Quando pensamos em Educação Infantil como prioridade, quando falamos de infância, de criança, de que estamos falando? Falamos de um sujeito passivo, no qual devemos inculcar conhecimento? Ou falamos de construção de conhecimento por meio da interação, atentando à identidade de cada sujeito? A infância que devemos vislumbrar é exatamente esta, em que cada criança é capaz de viver a sua infância gozando dos direitos que são inerentes a ela.

Para isso, é necessário que o professor da Educação Infantil perceba as peculiaridades desta idade. Apresento aqui alguns pontos que, para mim, são fundamentais na busca da formação integral da criança.

1.1 OS DIREITOS BASILARES DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A primeira sinalização do direito brasileiro, voltada para a criança como sujeito de direitos, está na própria Constituição da República, promulgada no ano de 1988, quando no seu art. 227 dispõe sobre o dever da família, da sociedade e do Estado de

⁵ Miguel González Arroyo é professor titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

assegurarem à criança seus direitos fundamentais, protegendo-as de situações degradantes ou vexatórias.

Entretanto, a sinalização genérica do artigo acima referido, especialmente no que diz respeito à educação é reforçado e disciplinado de maneira mais clara e enfática em outros dispositivos de lei.

No ano de 1990, foi publicado o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069, que visava a proteção dos menores de dezoito anos com o estabelecimento de direitos e deveres. Nesta lei, devemos ressaltar o disposto no art. 53, cuja disposição textual é a seguinte:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - direito de ser respeitado por seus educadores;
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Aqui, pondera-se sobre o direito da criança de ter educação que lhe desenvolva plenamente, inclusive com o direito a ser respeitado pelos seus educadores. Entendemos que a preparação da criança para a mudança de paradigma escolar, quando da passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, é um ato de respeito do educador, que compreende os dilemas e conflitos que a criança poderá vir a enfrentar.

Ademais, o art. 54 do ECA estabelece como dever do estado a disponibilização à criança do atendimento em creche ou pré-escola, bem como o ensino fundamental gratuito. Portanto, se ambos os níveis de escolaridade devem ser garantidos pelo estado e são direitos das crianças, a preparação cognitiva, motora e emocional da criança deve fazer parte desses direitos.

Posterior ao ECA, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi publicada no ano de 1996, estabelecendo em seu art. 21, inciso I, que a educação infantil, juntamente com o ensino fundamental e médio formam a educação básica.

Já no art. 29 desta lei vemos a disposição de que a educação infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”. Ora, mais uma vez, vemos que a preparação para as próximas etapas de ensino, especificamente o fundamental, deve ser trabalhada na educação infantil, pois esta visa o desenvolvimento integral da

criança, o que inclui sua aptidão emocional e cognitiva para lidar com as exigências da próxima etapa de sua vida escolar.

O RCNEI, já citado anteriormente, é um dos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação em atendimento às disposições da LDB, e deve servir como direcionador da prática pedagógica na educação infantil.

Este documento também dispõe sobre a necessidade de os professores darem atenção especial à passagem da criança para a escola, apontando que

A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor de educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia de permanência em uma classe de primeira série. (BRASIL, 1998, p. 84)

Ora, se este fato é identificado como momento de possível ansiedade e insegurança para as crianças e o RCNEI pondera sobre a necessidade de os professores considerarem isto em sua prática e, sendo este documento um norteador dos direitos das crianças, justificável a presente pesquisa, bem como presente sua repercussão no mundo educacional.

Entendemos, também, que se a criança é sujeito de direitos e existem princípios que embasam sua preparação plena para a transição da educação infantil para o ensino fundamental, é necessária atenção especial dos professores a este momento.

1.2 A CRIANÇA COMO SUJEITO ATIVO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

As crianças, agora vistas como destinatárias de direitos, não são meramente sujeitos que virão a ser, mas já possuem expressividade em seu ser particular. Kramer afirma que

As crianças, em sua tentativa de descobrir e conhecer o mundo, atuam sobre os objetos e os libertam de sua obrigação de ser úteis. Na ação infantil, vai se expressando, assim, uma experiência cultural na qual elas atribuem significados diversos às coisas, fatos e artefatos. (KRAMER, 2007, p. 13),

Completando a afirmação da autora, temos as palavras de Siebert, que afirma que

O adulto, com muita fadiga, aprendeu a frear suas emoções e sensações corporais dando às mesmas uma forma discursiva. A criança, pequena, ao contrário, se contrapõe ao adulto [...], cheia de uma invasiva e escandalosa corporeidade, com necessidades corporais impelentes [...] – de corpo inteiro [...]. (SIEBERT, 1998, p. 80).

Neste sentido, percebemos que a criança na educação infantil não vai apenas receber informações prontas, que lhe são inculcadas, mas irá, com a ajuda e direcionamento do professor, construir seu próprio conhecimento, sua própria identidade, partindo de seus anseios de conhecer o mundo e suas características espontâneas, próprias da idade.

Desta feita, estas criações e ações da criança devem ser levadas em conta, sendo que no presente trabalho, a intenção de ouvi-las e colher seus desenhos partiu da percepção de que elas também possuem conhecimento de mundo e tem o direito de expressá-lo.

1.3 A CRIANÇA E SUA PECULIARIDADE SOCIOECONÔMICA

O ser humano é um sujeito sociável, que se interage com o meio, influenciando e sendo influenciado pelo ambiente em que vive. As crianças, portanto, não são diferentes. Kramer sabiamente afirma que

As crianças não formam uma comunidade isolada; elas são parte do grupo e suas brincadeiras expressam esse pertencimento. Elas não são filhotes, mas sujeitos sociais; nascem no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social. Os costumes, valores, hábitos, as práticas sociais, as experiências interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. (KRAMER, 2007, p. 17)

O RCNEI também traz disposições neste sentido, quando lemos assim:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p. 21)

Ora, se há toda esta interferência do ambiente em que a criança vive, bem como dos valores sociais com os quais ela lida corriqueiramente, estes parâmetros

devem ser considerados quando da análise das pesquisas, sendo que o presente trabalho tem se preocupado com isto⁶.

⁶ No item 3.3 trazemos uma caracterização das pessoas que fazem parte da pesquisa e as realidades por elas vividas, especialmente as crianças.

CAPÍTULO 2 – ITINERÁRIOS DE PESQUISA

Grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as crianças. (Fernando Pessoa)

Sônia Kramer (2006, p. 20) afirma que a “Educação Infantil e o Ensino Fundamental são indissociáveis. Ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso.” O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. Sabe-se que a maneira como ocorre o ingresso da criança no Ensino Fundamental pode ter importância em toda a sua vida escolar. Daí a necessidade de se fortalecer a Educação Infantil e cuidar para que a transição das crianças para o Ensino Fundamental seja o menos impactante possível para elas. Há, também, necessidade de garantir sintonia entre esses segmentos, no que diz respeito à concepção de ensino e aprendizagem, metodologias e rotinas didáticas.

A Lei nº 11.274, sancionada no dia 02 de fevereiro de 2006, que regulamenta o Ensino Fundamental de 9 anos, segundo Amélia Hamze tem como objetivo maior assegurar a todas as crianças um tempo maior de convívio escolar, maiores oportunidades de aprender e com isso, uma aprendizagem com mais qualidade.

Outras legislações pertinentes ao tema como: PL 144/2005, Lei 11.114/2005, Parecer CNE/CEB Nº 18/2005 buscam assegurar esse direito. O Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, através da Resolução Nº 3, de 3 de agosto de 2005, define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos. No seu artigo 2º explicita:

Art.2º A organização do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e da Educação Infantil adotará a seguinte nomenclatura:
Etapa de ensino - Educação Infantil – Creche: Faixa etária – até 3 anos de idade – Pré-escola: Faixa etária – 4 e 5 anos de idade.
Etapa de ensino – Ensino Fundamental de nove anos- até 14 anos de idade.
Anos iniciais – Faixa etária de 6 a 10 anos de idade – duração 5 anos. Anos finais – Faixa etária de 11 a 14 anos de idade – duração 4 anos. (citar nas referências bibliográficas)

A Lei 11.274, altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispendo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade, dando início a uma nova etapa na educação brasileira.

Essa transição pela qual a criança passa da Educação Infantil para o Ensino Fundamental deve acontecer sem prejuízos sociais e pedagógicos. Nesse contexto nossas atenções se voltam principalmente para as crianças de 5 e de 6 anos. A preocupação é, sobretudo, entender a infância e sua singularidade e compreender que o lúdico e o brincar têm relevância em todos os procedimentos, estratégias e encaminhamentos metodológicos adotados no trabalho com esses aprendizes.

Nesse sentido, podemos ver o Ensino Fundamental de nove anos como mais uma estratégia de democratização e acesso à escola, além de ressignificar o modo de se entender a infância e, sobretudo, a escolarização da infância.

Muitos pesquisadores em educação já discutem a transição da Educação Infantil para o Ensino fundamental. Ao analisar a Lei 11.274, Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos e Lívia Maria Fraga Vieira (2006) e Kramer (2006) consideram que a ampliação da obrigatoriedade escolar convoca pesquisadores, educadores e legisladores a investigar como a educação infantil e o ensino fundamental se relacionam, articulando discursos e práticas educativas no sentido de compreender as especificidades das experiências dos diversos sujeitos sociais envolvidos no processo.

Santos e Vieira (2006) e Kramer (2006), apontam que estudos sobre diferenças e similaridades entre as práticas educativas desenvolvidas no cotidiano nesses contextos, podem subsidiar o diálogo entre esses atores, ao ampliar a compreensão de entraves, rupturas e/ou continuidades vividas pelas crianças nesses espaços.

Neves (2010) realizou uma pesquisa de doutorado sobre tal tema e observou a transição entre uma instituição infantil e uma escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Belo Horizonte. Ela acompanhou uma turma de 5 anos por um ano, numa unidade de educação infantil. Depois continuou a observação numa turma de 6 anos do ensino fundamental, para a qual a maioria das crianças da referida turma de 5 anos foi encaminhada.

Os resultados obtidos evidenciaram a necessidade de maior integração entre esses dois segmentos. Ao ingressarem no Ensino Fundamental as crianças se depararam com uma ruptura entre as experiências desenvolvidas na Educação Infantil e as práticas educativas da nova escola.

O brincar, um dos elementos centrais das práticas da Educação Infantil, não foi priorizado no Ensino Fundamental. Conforme reflete a autora:

A falta de diálogo presente na organização do sistema educacional brasileiro em relação aos dois primeiros níveis da educação básica refletiu-se no processo de desencontros vivenciados pelas crianças pesquisadas na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. Nesse sentido, a investigação, ao ter como foco o registro da experiência infantil na transição entre os dois segmentos, evidenciou a necessidade de uma maior integração entre o brincar e o letramento nas práticas pedagógicas da educação infantil e do ensino fundamental, ambas as dimensões fundamentais da infância contemporânea. (NEVES, 2010, p.260)

O trabalho na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental depende da articulação entre o brincar, cuidar e o educar, em especial na construção da sociabilidade da criança, da aprendizagem e da independência em prol de sua autonomia. Depende, igualmente, dos cuidados necessários à higiene das crianças, alimentação, segurança, brincadeiras e vínculos afetivos.

Mais uma vez, Kramer reforça que a inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental requer diálogo entre educação infantil e ensino fundamental, diálogo institucional e pedagógico, dentro da escola e entre as escolas, com alternativas curriculares claras.

Gizele de Souza (2008) fundamenta bem esta questão, quando menciona:

Considero esse ponto fundamental para o debate: problematizar os nexos entre a educação infantil e a escola de ensino fundamental, para além da estreita vinculação sequencial no nível da educação básica, e pensar que a consolidação da especificidade de uma etapa educativa depende, também e não somente, da sua relação com a outra, ou, dito de outra forma, que a identidade nasce da diferenciação com o outro; nesse sentido não se pode abdicar do enfrentamento dessa questão. (p.25)

Souza (2008) reforça que um dos elos entre a educação infantil e o ensino fundamental talvez seja um projeto de formação humana, formação para emancipação das crianças e dos adultos que nesses espaços atuam. O desafio estaria de estar junto sem ser igual!

Nesse sentido, esta pesquisa, que objetiva dar ouvidos às crianças de 5 anos e conhecer suas expectativas em relação à transição da educação infantil para o ensino fundamental, busca trazer elementos, advindos das perspectivas das crianças, para refletirmos sobre como essa passagem pode se dar de modo mais tranquilo. Nas palavras de Manuel Pinto (1997, p. 65):

As crianças têm algum grau de consciência dos sentimentos, ideias, desejos e expectativas. São capazes de expressá-los e efetivamente os expressam. (...) Há realidades sociais que só a partir do ponto de vista das crianças e de seus universos específicos podem ser descobertas, aprendidas e analisadas.

Preocupando-se com essa temática, Neves, Gouveia e Castanheira (2011) consideram em seus estudos que, com a ampliação de ensino fundamental de oito para nove anos, a última etapa da educação infantil preocupou-se mais com as questões de letramento. As autoras analisam em sua pesquisa que:

[...] as práticas educativas que assumiram centralidade na educação infantil e no ensino fundamental se estruturavam em torno da brincadeira e do letramento, mas situadas diferencialmente nos dois segmentos. A transição entre tais práticas, sem dúvida, caracteriza a tensão entre esses dois níveis de ensino. Então na escola de educação infantil pesquisada pela autora ela verifica que: a centralidade do brincar esteve presente na organização das rotinas institucionais, com os usos do tempo e do espaço estruturados em torno dessa atividade. No entanto, tendo em vista sua condição de sujeitos inseridos em uma cultura grafocêntrica, as crianças voltaram-se para a apropriação da língua escrita, engajando-se individual e coletivamente em diversos eventos de letramento. Na análise do cotidiano da sala de aula evidenciou-se que a cultura de pares daquele grupo de crianças foi caracterizada tanto pelo desenvolvimento de brincadeiras como pela investigação dos usos e sentidos da língua escrita de forma sistemática, mesmo não tendo sido este o objetivo proposto pela professora da turma (2011, p. 138).

É possível concluir pela necessidade de integração entre esses dois níveis de educação, com práticas pedagógicas que valorizem as manifestações diversas da criança, sua linguagem, suas percepções e modos de conceber a vida, podem e devem fazer parte da aprendizagem nessas etapas da educação. Entendemos que uma das principais manifestações da linguagem da criança se dê por meio da brincadeira, assim, os professores, principalmente do primeiro ano do ensino fundamental, devem atentar-se para essa questão: o brincar faz parte do processo de ensino aprendizagem das crianças.

Correa (2011) também ressalta a necessidade de relação entre uma etapa da educação e outra, pois, aprendizagem é um processo e não ocorre somente em uma etapa da educação isolada, mas depende do diálogo entre os diferentes níveis educacionais.

Assim, tendo em vista a importância do preparo das crianças para essa transição e tendo em vista toda a expressividade da criança, buscaremos ouvi-las e possibilitar que elas se expressem por meio de desenhos, possibilitando que adentrem em seu universo para entender suas dúvidas e anseios com relação à passagem para o ensino fundamental.

2.1 CARACTERIZANDO O ESPAÇO PESQUISADO

A minha pesquisa foi desenvolvida na instituição de ensino em que trabalho, o Centro Infantil Municipal (CIM) Santa Inês, que está localizado no bairro Santa Inês, no município de Betim. Esta instituição atende crianças de 2 a 5 anos e, atualmente, tem em seu quadro discente 110 crianças.

O perfil das famílias atendidas é de renda média, aproximadamente de dois salários mínimos, conforme informação da pasta de matrícula dos alunos na instituição. Por meio desses documentos, pode-se observar, também que algumas famílias são de baixa renda, sendo algumas delas assistidas pelos programas do Governo Federal (Bolsa Família, Cesta Escola etc.).

As doenças recorrentes que acometem as crianças são respiratórias e alérgicas. As famílias, em sua maioria, utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS).

Os membros da família são trabalhadores formais e autônomos, sendo os responsáveis pais, familiares e cuidadores. Porém, é frequente atendermos famílias que têm como provedor apenas a mãe, buscando recursos de maneira informal, fazendo bicos e faxina.

A instituição funciona de segunda à sexta-feira, de 7:30 às 16:30 horas. As turmas são divididas por idade, com atendimento integral e parcial, considerando o espaço físico, a estrutura e a demanda da comunidade em que o CIM está inserido. O regime de trabalho dos funcionários é de oito horas, com uma hora de almoço.

O CIM Santa Inês possui prédio próprio. As professoras e a auxiliar administrativo foram admitidas em concurso público, ou seja, são servidores do quadro da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Betim, em regime estatutário. A diretora é do grupo de professoras, eleita por elas e pela comunidade. A coordenadora também foi eleita pelo grupo. A tesoureira, cargo que ocupo atualmente, é indicada pela diretora. As cozinheiras e o pessoal da limpeza são contratados pelo regime de CLT, através de empresa terceirizada.

Gostaria de salientar que no Projeto Político Pedagógico da instituição está previsto a articulação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental. O Projeto traz, em sua íntegra, que a Secretaria Municipal de Educação, através das Diretorias de Educação Infantil Municipal e Conveniada⁷ e do Ensino Fundamental, tem como componente de sua política pública propor ações cujo público alvo são as crianças de

⁷ Em Betim as duas Diretorias de Educação Infantil, Municipal e Conveniada. Em 2010 houve o processo de Municipalização de partes das instituições de Educação Infantil que atendiam em rede conveniada, dando origem às primeiras instituições municipais de Educação Infantil.

5 anos e professores da Educação Infantil, bem como os professores das turmas de 6 anos do Ensino Fundamental. O objetivo é promover a interação entre professores das instituições infantis e professores do Ensino Fundamental, para que conheçam a realidade uns dos outros e possam agir sobre ela de maneira significativa, garantindo assim a continuidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias.

2.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresentada configurou-se como estudo de abordagem qualitativa, que proporciona uma reflexão da prática pedagógica. Conforme Bogdan e Biklen (1991), a metodologia qualitativa busca “questionar os sujeitos para perceber como experimentam suas vivências, o modo como interpretam as suas experiências e como estruturam o mundo social em que vivem”. Assim, podemos refletir e compreender sobre o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e como esse processo pode influenciar na entrada das crianças no novo nível de ensino.

Entretanto, a atuação neste sentido tem sido desafiadora, pois a jornada de trabalho de oito horas diárias penaliza os professores, inclusive a mim, pesquisadora, dificultando uma atuação profissional empolgada e motivada. Inclusive, retirar tempo em meio ao corrido dia na instituição para dedicar à pesquisa é complicado, apesar da cooperação das colegas de trabalho, pois sou sempre interrompida e temos dificuldade, até mesmo, de encontrar um espaço disponível para a atuação com as crianças.

2.3 PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa são crianças de duas turmas de 5 anos do CIM Santa Inês. Uma turma, que tem atendimento integral, é composta por 16 crianças, sendo 11 meninos e 5 meninas. A outra turma, de atendimento parcial, é composta por também 16 crianças, sendo 8 meninas e 8 meninos. Essas crianças são atendidas no período da tarde.

Em sua maioria, são crianças do entorno do bairro Santa Inês, com perfil sócio econômico descrito acima. Atualmente, após muitos trabalhos de intervenção, a instituição conseguiu uma participação mais efetiva das famílias nas reuniões, devido

assunto da formatura que irá acontecer no final do ano; as famílias cobram muito da escola o ritual da formatura, sendo disponibilizados para eles três propostas em reunião. As famílias tiveram a oportunidade de votar, escolhendo a que mais lhes agradava e era mais pertinente com eles. Ficou definido, também, o dia da formatura, o local do evento e foi nesta oportunidade de reunião que eu expus para as famílias a minha pesquisa.

Vale ressaltar que a partir deste momento, fica mais perceptível para as crianças que elas irão para a escola de Ensino Fundamental, pois começa todo um movimento de organização para a formatura.

A maioria das crianças pesquisadas estuda na instituição desde os 2 anos de idade. Algumas crianças que estudam a tarde, outrora estudavam em horário integral, mas a partir deste ano, com a oferta do parcial, a família optou por este turno. As crianças da turma integral são as que mais necessitam deste tipo de atendimento, porque os pais ou responsáveis trabalham fora, também em horário integral.

A turma de horário integral, no geral, é composta por crianças atenciosas, que criam suas próprias regras e as obedecem. São falantes e agitadas, mas numa proporção normal para a idade.

A professora desta turma é nascida no município de Betim e reside em um bairro próximo à escola. Formou-se no Magistério emergencial oferecido pela Escola Estadual Amélia Santana Barbosa na cidade de Betim, em 2008. Tem 8 anos de experiência na educação infantil e começou a trabalhar, como efetiva pela Prefeitura de Municipal de Betim, em 2013.

A turma parcial, que tem atendimento no turno da tarde, é composta de crianças tranquilas e em geral, são bastante acompanhadas pela família. As famílias demonstram se preocupar com a saúde, educação e bem-estar das crianças. Estas, por sua vez, se mostram inteligentes, caprichosas, receptivas aos combinados, gostam de atividades desafiantes, cobram a atenção à rotina. São falantes, porém, organizadas.

A professora da turma de horário parcial é nascida no município de Matozinhos/MG. Atualmente, reside no mesmo bairro da instituição. Em 1995, formou-se em Magistério com Habilitação para antiga 1ª à 4ª série, graduada em Pedagogia no ano de 2014. Tem 18 anos de experiência na Educação Infantil e já atuou como Coordenadora Pedagógica. Tomou posse na Prefeitura de Betim em 2012, como Professora da Educação Infantil.

De modo geral, as duas turmas, como toda turma, são heterogêneas, e nestas diferenças é que observo o legal do trabalho, um acaba aprendendo com o outro. E o que mais estimula as professoras é que as crianças estão com sede de saber, o que é fantástico. Deparei com crianças que chegavam ávidas para contar o que sabiam e encontravam espaço para isto. As professoras aproveitavam para darem estímulos para as crianças e principalmente mostrar para elas a importância de aprenderem algumas coisas, enfatizando a necessidade delas entenderem que aquela aprendizagem é bacana, boa, fazendo com que ela seja uma pessoa melhor. Considero isso um encantamento e ao mesmo tempo um desafio.

De acordo com relatos das professoras feitos à pesquisadora, as duas turmas concentram crianças espertas, comunicativas e entrosadas. As crianças têm um bom relacionamento umas com as outras: gostam de participar das atividades propostas, de auxiliar os amigos e de realizar as atividades em grupo. As professoras disseram que algumas crianças estão em acompanhamento com psicólogo, o que se fez necessário para ajudar no trabalho com elas. Uma das turmas conta com uma criança que tem insuficiência renal. Esta criança usa cateter, mas isso não a atrapalha no desenvolvimento e também não tem comprometido a dinâmica de atendimento. Seus colegas são cuidadosos e atenciosos com ela, evitando que aconteça qualquer situação anormal.

Um momento muito marcante para mim, pesquisadora, foi quando no início da minha pesquisa tive a oportunidade de fazer uma excursão com as turmas em visita a fábrica de biscoito AYMORÉ/ARCOR, na cidade de Contagem/MG, local onde minha mãe trabalha e, por coincidência, a empresa convidou nossa instituição para esta visita voltada para as crianças das turmas de 5 anos.

A visita das crianças à empresa veio de encontro ao fechamento do Projeto Alimentação, com intuito de conhecer como é o processo de industrialização dos alimentos e também porque geralmente as crianças são apaixonadas com biscoito, principalmente os recheados e waffer. A minha mãe, como anfitriã da empresa, foi responsável por esta realização, que divulgou para a empresa o contato da instituição, quando um dos objetivos desta empresa era oferecer as escolas uma visita para o conhecimento de todo processo de produção do biscoito.

Na programação das atividades realizadas pela instituição, também as crianças visitam o Jardim Zoológico de Belo Horizonte/MG, como encerramento do projeto animais, e mais uma vez fui contemplada em acompanhar as duas turmas.

Desfrutando destes passeios, consegui estabelecer um vínculo para possíveis caminhos da pesquisa, o que foi de suma importância.

Na rotina da instituição, as professoras regentes ficam dois dias na semana em horário de estudo, então as crianças ficam acompanhadas por uma professora do coletivo; esta professora está desenvolvendo com as crianças um projeto chamado “Mala de livros viajante”, onde a cada semana é escolhida uma criança que leva para a sua casa a mala com diversos livros, onde ela tem a oportunidade de escolher juntamente com sua família um livro para ser lido e posteriormente fazem um registro do livro através do desenho e no retorno para a instituição fazem o relato na rodinha para sua turma.

2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foram utilizadas duas estratégias: a primeira consistiu na criação de dois desenhos feitos pelas crianças, e a segunda foi uma conversa da pesquisadora com elas. Estas estratégias são justificáveis, pois, nas palavras de Keila Hellen Barbatto Marcondes e Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo

O desenho é considerado como um importante documento que permite que sejam captadas informações sobre determinados momentos históricos e sobre as infâncias existentes nesse contexto. [...] Conjuntamente com os desenhos, os relatos infantis permitem ainda conhecer as identidades das crianças. (MARCONDES e SIGOLO 2011, p. 5)

Na realização da pesquisa, houve sempre o cuidado de garantir que os locais utilizados para as conversas, apesar de serem variados, fossem distantes das docentes e demais funcionários da escola, garantindo privacidade e segurança para as conversas com as crianças. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio digital e posteriormente transcritas.

Como já dito acima, as crianças chegam à instituição às 7:30h, quando são recebidas em um salão; às 8:00h todas descem para o refeitório para oração e tomam o café da manhã, após retornam para a sala de aula, dando prosseguimento na rotina. Às 9:20h as turmas se reúnem no pátio para hidratação, que geralmente é uma fruta ou suco. Após este momento é que eu dava início a minha pesquisa com as crianças da turma integral. Na parte da manhã, duas salas de aula ficam ociosas e eu aproveitava para levar as crianças para lá, para realização da pesquisa.

Na parte da tarde era mais complicado dispor de um espaço, pois as salas de aulas ficam todas ocupadas. A turma da tarde chega às 12:30h; as crianças são recebidas na sala. Às 13:00h elas se encontram no refeitório para tomar o café da tarde. Geralmente, me encontrava com as crianças da turma da tarde por volta da 14:30h. Era de práxis utilizar um cantinho da mesa do refeitório para a realização da pesquisa. Às 15:00h as crianças jantam.

Na realização da pesquisa tive alguns tropeços. Embora as professoras colaborassem, enviando as crianças, e estas estivessem bastante envolvidas e acessíveis, ansiosas para participar deste momento, eu passava por alguns problemas, pois sempre era solicitada para atendimento na secretaria. Os funcionários me procuravam para ajudá-los em alguma situação rotineira em que eles têm o costume de me procurar, atrasando ou interrompendo as conversas.

Ao começar nossa conversa, solicitei às crianças que elas desenhassem a escola de educação infantil. Após esta produção era realizado um diálogo entre a pesquisadora e as crianças, baseado num roteiro guia, o qual era flexível e permitia uma conversa livre. Foram direcionadas às crianças as seguintes perguntas: Você deseja ir para o ensino fundamental? Você conhece alguém que está no ensino fundamental? Você já sabe em qual escola irá estudar no ano que vem? Você já sabe alguma coisa sobre sua escola do ano que vem? Como acha que será sua nova sala de aula? E sua professora nova, como gostaria que ela fosse? Quais são suas expectativas sobre as atividades (para casa) no ensino fundamental? E Qual seu ponto de vista sobre o tempo para brincadeiras na nova escola?

Todos os cuidados éticos necessários foram tomados, garantindo o sigilo de identidade e a opção dos responsáveis e crianças em participarem ou não da pesquisa. Para preservar a identidade dos participantes, os nomes das crianças foram alterados para nomes fictícios. A coleta de dados somente foi iniciada com o preenchimento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e do aceite das crianças. Salienta-se que todos os objetivos foram esclarecidos para as crianças, tomando cuidado para que a linguagem apresentada fosse clara e acessível. Era dado às crianças o direito de se recusarem a participar quando sentissem vontade.

CAPÍTULO 3 – AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS DO CIM SANTA INÊS SOBRE A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 A VISÃO DAS CRIANÇAS SOBRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS PERCEPÇÕES INICIAIS QUE POSSUEM SOBRE A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Como a proposta desta pesquisa é provocar o diálogo com a realidade que estamos construindo no dia-a-dia, pretendemos que ela seja uma conversa sobre as expectativas das crianças de cinco anos sobre a transição da Educação Infantil para a Escola de Ensino Fundamental.

Como parte constituinte da pesquisa, iniciei-a em conversa com a Diretora e a Coordenadora Pedagógica. Em seguida, conversei com as professoras das turmas de cinco anos, pedindo o aval e recebendo um sim. Fui ao encontro das crianças, pois elas seriam parte importante da pesquisa.

Foi uma conversa bem informal com as crianças, elas ficaram super empolgadas em participar. Selando este momento foi feita uma reunião com pais (famílias), situação em que expliquei para todos sobre a pesquisa, pedindo também seu consentimento. Reafirmei para os presentes, inclusive para as crianças, que se tratava de um convite e participar da pesquisa era uma opção.

Os dados coletados foram analisados e organizados em uma categoria denominada de expectativa e concepções sobre o Ensino Fundamental.

Todas as crianças foram convidadas a fazer um desenho de sua escola atual e de como elas imaginam ser a escola de Ensino Fundamental, o que ocorreu de modo concomitante ao diálogo entre as crianças e eu.

A primeira criança a participar foi Nina, que nos apresentou os seguintes desenho e respostas:



Figura 1: Escola de Educação Infantil representada pela criança Nina

Pesquisadora: Ei, Nina, tudo bem?

Nina (criança): Tudo bem

Pesquisadora: Você gosta da nossa creche?

Nina (criança): Sim, muito.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer aqui?

Nina (criança): Atividade de sala, de escritas e das brincadeiras, ler livros, brincar na quadra, assistir televisão. Gosto muito de quando minha professora lê história. A minha professora também deixa eu escolher um livro e contar para meus coleguinhas na roda.

Conforme depoimento e, sobretudo, pelo desenho produzido pela criança Nina, pode-se observar que os momentos mais significantes são os das atividades de sala, da brincadeira e da contação de história. A criança parece expressar o seu gosto pela leitura quando desenha uma prateleira de livros, rica em detalhes. Essa prática favorece o gosto das crianças para a leitura e desenvolve a formação destas enquanto leitoras produtoras de cultura. Sobre esta prática docente, Kramer afirma que

A educação infantil tem um papel importante na formação do leitor, uma vez que seu objetivo é garantir os direitos das crianças à cultura oral e escrita, convivendo com gêneros discursivos diversos, orais e escritos (em especial a narrativa de histórias), e os mais diferentes suportes (em especial os livros literários). É preciso que as crianças estabeleçam relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, e que lhes seja produzido o desejo de aprender a ler e a escrever. Que as crianças possam aprender a gostar de ouvir a leitura, que tenham acesso à literatura, que desejem se tornar leitores, confiando nas próprias possibilidades de se desenvolver e aprender. (KRAMER, 2011, p.79)



Figura 2: Escola de Educação Infantil representada pela criança Jane

Pesquisadora: Ei, Jane, tudo bem?

Jane (criança): Tudo bem

Pesquisadora: Você gosta da nossa creche?

Jane (criança): Sim, muito.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer aqui?

Jane (criança): Eu gosto de fazer atividade, gosto de escrever meu nome com a ficha, gosto de desenhar e quando eu crescer vou ser professora. Gosto de brincar na casinha de boneca. E gosto de fazer Para Casa todo dia, mas minha professora só manda duas vezes.

Pesquisadora: Jane, a professora deixa você brincar na sala?

Jane (criança): Sim, brincamos de jogar bingo, de Lego, de cabaninha e de escolinha e eu sou a professora.

Na conversa com a criança Jane, ela deixou explícito o quanto ela sente prazer ao fazer as atividades de sala de aula. De maneira geral, as crianças demonstram interesse em realizar as atividades propostas pela professora.

Os desenhos produzidos e as conversas com as crianças têm demonstrado que elas gostam muito de fazer atividades escritas. Além disso, elas estabelecem uma relação positiva com a professora, construindo vínculos que podem refletir no futuro profissional das mesmas. O gráfico⁸ abaixo demonstra o que tem mais significado para as crianças na Educação Infantil:

⁸ O Gráfico apresenta todos os elementos classificados como importantes na vivência das crianças na instituição de Educação Infantil, sendo que o total de crianças pesquisadas foi de trinta e dois e as mesmas puderam classificar quantos elementos quisessem.

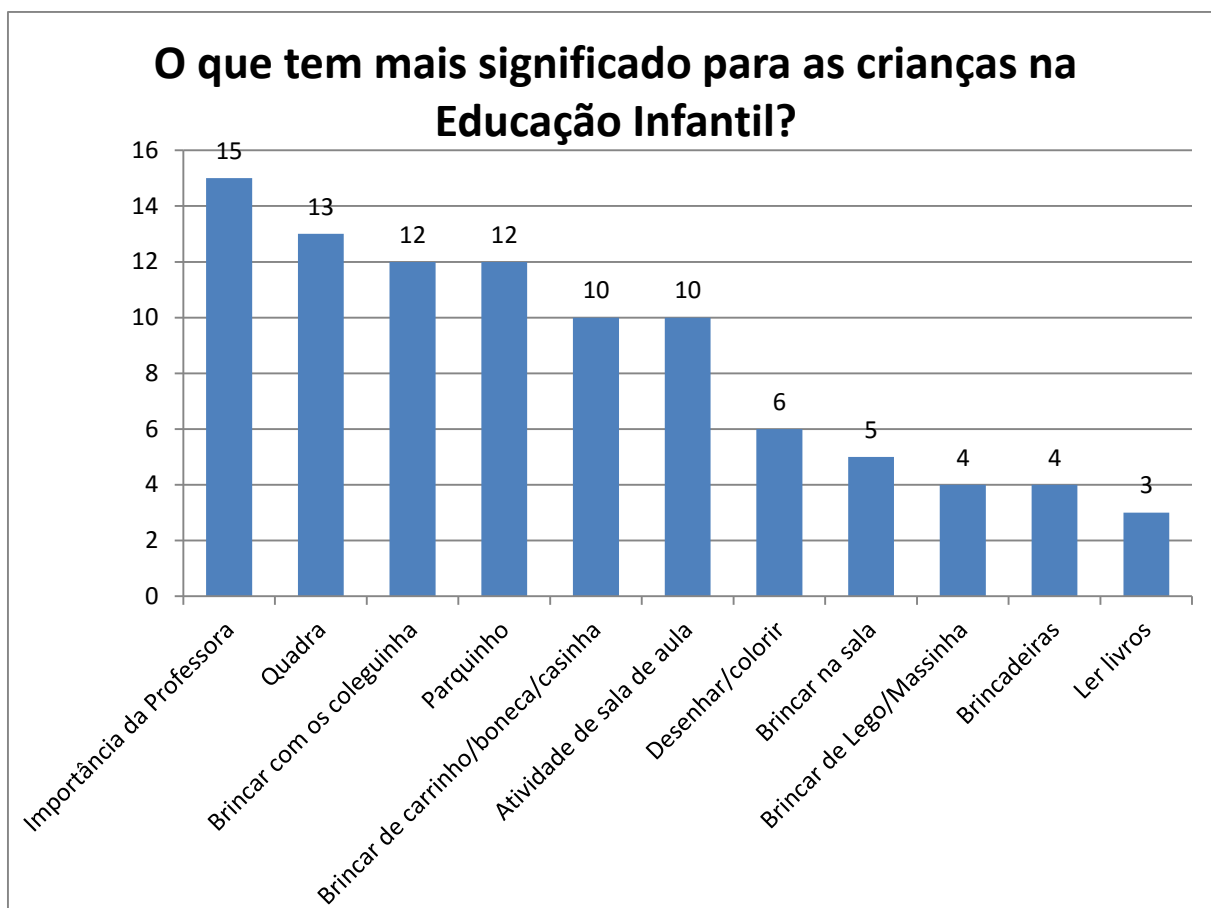


Gráfico 1: O que tem mais significado para as crianças na Educação Infantil
 Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir das respostas dos alunos das turmas Pré II A (atendimento integral) e Pré II C (atendimento parcial tarde)

Começando a conversa com Nina, percebi que o “Brincar” é algo fundamental na infância. Ele é a forma privilegiada da criança estar no mundo, de se expressar, de interagir, de experimentar outras formas de ser e de pensar, enfim de conhecer a si própria, o outro e o mundo.

Pesquisadora: Nina qual o dia da semana que você mais gosta aqui na creche?

Nina (criança): Eu gosto da sexta- feira, que é o dia do brinquedo, neste dia é muito divertido, pois a professora deixa a gente trazer brinquedo de casa e nós brincamos muito.

Pesquisadora: Quais as brincadeiras que vocês brincam?

Nina (criança): Brincamos de casinha, de boneca, de desfile e de escolinha.



Figura 3: Escola de Educação Infantil representada pela criança Tina

Pesquisadora: Ei, Tina, tudo bem?

Tina (criança): Tudo bem

Pesquisadora: Você gosta da nossa creche?

Tina (criança): Sim, gosto bastante.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer aqui?

Tina (criança): Eu gosto de brincar no parquinho com minha boneca, brincar de massinha, e jogar bola na quadra.

No desenvolver da conversa com Nina, Tônico interrompe a pesquisadora para expandir a conversa⁹. As crianças demonstram preocupação com relação ao “Para Casa”, pois seus irmãos mais velhos já passam por isso.

Pesquisadora: E você sabe que na outra escola tem Para Casa? Você gosta de fazer Para Casa, Dever?

Nina (criança): Aí não porque tem que escrever escrever. Meu irmão só tem Para Casa difícil.

Pesquisadora: Para Casa é uma atividade.

Tônico (criança): Eu sei como é o Para Casa tem que fazer umas letras bem juntinhas.

Pesquisadora: Como são essas letras Tônico, me explica?

Tônico (criança): É juntinha, tem os números.

Nina (criança): Nina diz, não é assim, as letras são todas, tudo enroladinhas. Este Dever é difícil, a minha mãe ensina o Para Casa para meu irmão fica brigando com ele. Ele não consegue fazer. Este Para Casa tem que descobrir todos os negócios.

Pela conversa com Nina e Tônico, percebemos que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental se caracteriza como um momento importante da vida das crianças que não deve ser negligenciado.

⁹ No Anexo 1, trago a conversa com mais detalhes. A opção em incluir a conversa como anexo se deve ao fato de ser muito extensa, sendo que nos anexos haveria a possibilidade de incluir a quase que conversa em sua totalidade, sem a necessidade de muitos recortes.

Na conversa, Nina dialoga com a pesquisadora dizendo não querer ir para o Ensino Fundamental. A criança tem certa resistência e receio, embora já saiba em qual escola irá estudar, e tenha certo conhecimento sobre a mesma, pois seu irmão já frequenta o Ensino Fundamental.

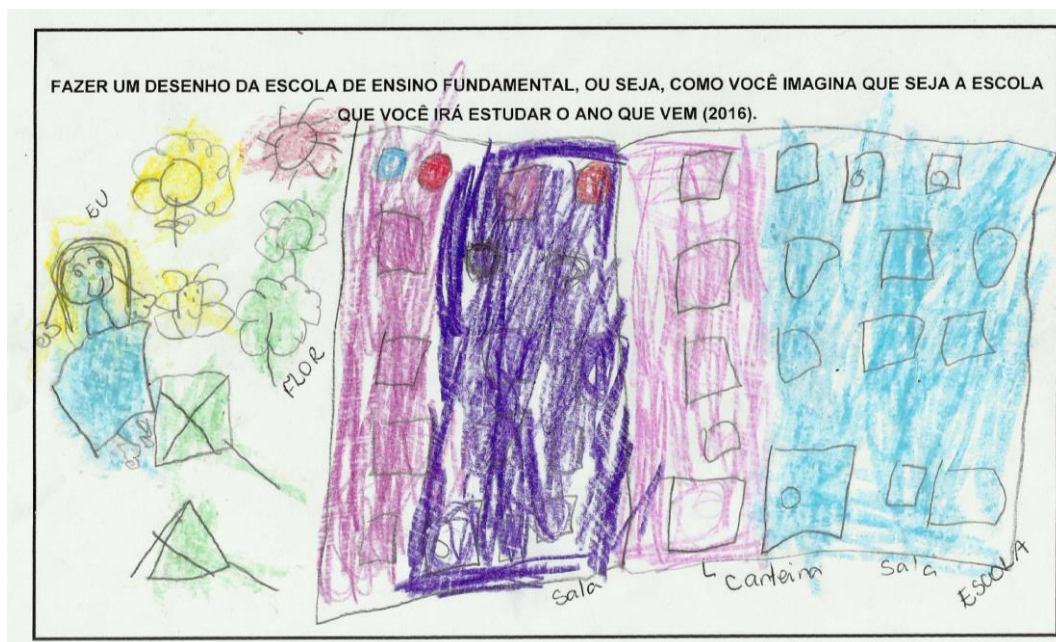


Figura 4: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Nina

Nina parece perceber que no Ensino Fundamental a rotina é diferente. A criança expressa em sua fala que o brincar fica em segundo plano. E agora tem que escrever, escrever e escrever. Ela já fica preocupada com letra cursiva, denominando-a de “letra enroladinha”. Uma das expectativas de Nina e de outras crianças em relação à professora do ensino fundamental é de que a professora seja calma, ressaltando que não gosta quando a professora da educação infantil grita com ela. Também descreve a professora fisicamente, imaginando-as de cabelos longos. As crianças demonstram ansiar por uma professora que seja compreensiva, parceira e sensível às suas necessidades.

Outras crianças também participaram da conversa. Lili e Joca, que apresentaram os seguintes desenhos sobre a escola em que estudam atualmente:



Figura 5: Escola de Educação Infantil representada pela criança Lili

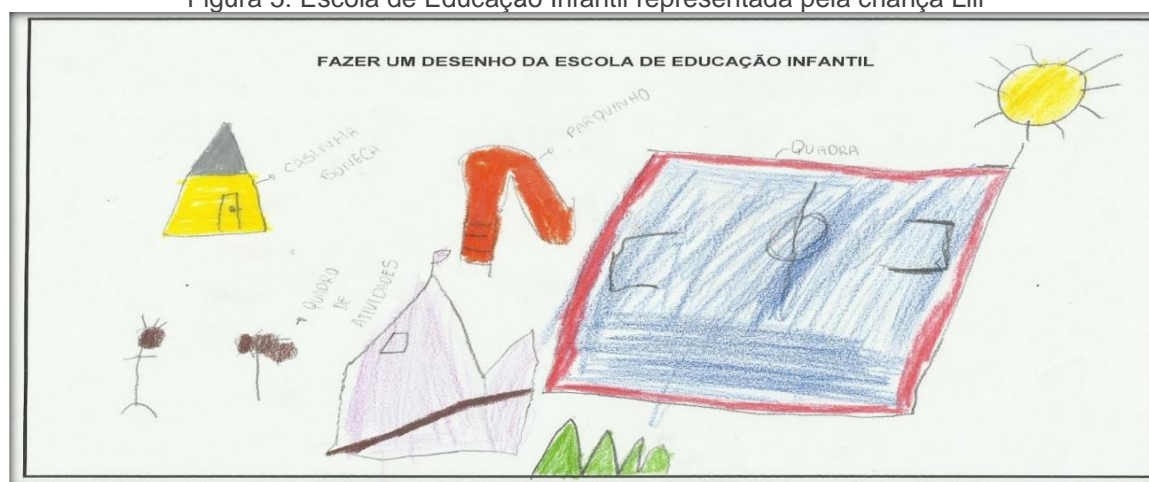


Figura 6: Escola de Educação Infantil representada pela criança Joca

Ao observar o desenho 5 e 6, e também após a nossa conversa, entendo que o brincar tem um lugar especial para as crianças, o que justifica o brincar como uma referência importante para o desenvolvimento das crianças.

Conversando com as crianças e nos desenhos produzidos, elas sempre relatam e registram que gostam de brincar na quadra, no parquinho, na casinha de boneca. É certo que brincando, a criança constrói redes de significados e vai ampliando seu conhecimento de mundo, portanto, essa brincadeira simbólica torna-se indispensável no espaço da educação infantil, mas também, está presente nas expectativas para a escola do Ensino Fundamental, como mostra o desenho realizado pela Duda:



Figura 7: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Duda

A criança Mandinha participou da pesquisa, tanto com seu desenho, quanto nas conversas.



Figura 8: Escola de Educação Infantil representada pela criança Mandinha

Nesta conversa, percebo outra característica a ser destacada na cultura infantil: seu caráter coletivo. Conforme apresentado no gráfico 1, das 32 crianças entrevistadas, 12 apontaram que gostam de brincar com os coleguinhas, corrobora com a fala da criança Mandinha:

Pesquisadora: Ei, Mandinha, Bom dia!

Mandinha (criança): Bom Dia!

Pesquisadora: Você gosta da nossa creche?

Mandinha (criança): Sim, muito.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer aqui?

Mandinha (criança): Gosto da minha professora, de desenhar, colorir, brincar na quadra e brincar com meus coleguinhas.

Quando a criança (Mandinha) relata e desenha que gosta de brincar com os coleguinhas, compreendemos a produção da criança dá-se a partir das interações com os pares. Ela precisa do outro: colegas, irmãos, adultos para se ancorar e desenvolver suas atividades, principalmente. A ação da criança sobre os objetos é sempre medida pela interação com os pares. A criança Mandinha retrata muito bem o caráter coletivo em sua produção infantil (relação com a professora ensinando atividade e brincando com os coleguinhas): os grupos de pares. Sendo assim, Gouvêa diz:

A criança necessita do grupo para se situar no mundo, estabelecendo uma relação diferenciada da que constrói com os adultos, com códigos próprios. Esse universo grupal infantil não é despido de regras, mas ao contrário, é carregado de normas, leis e punições que não reproduzem o universo social adulto, mas o ressignificam e o reconstruem. (2011, p.562)

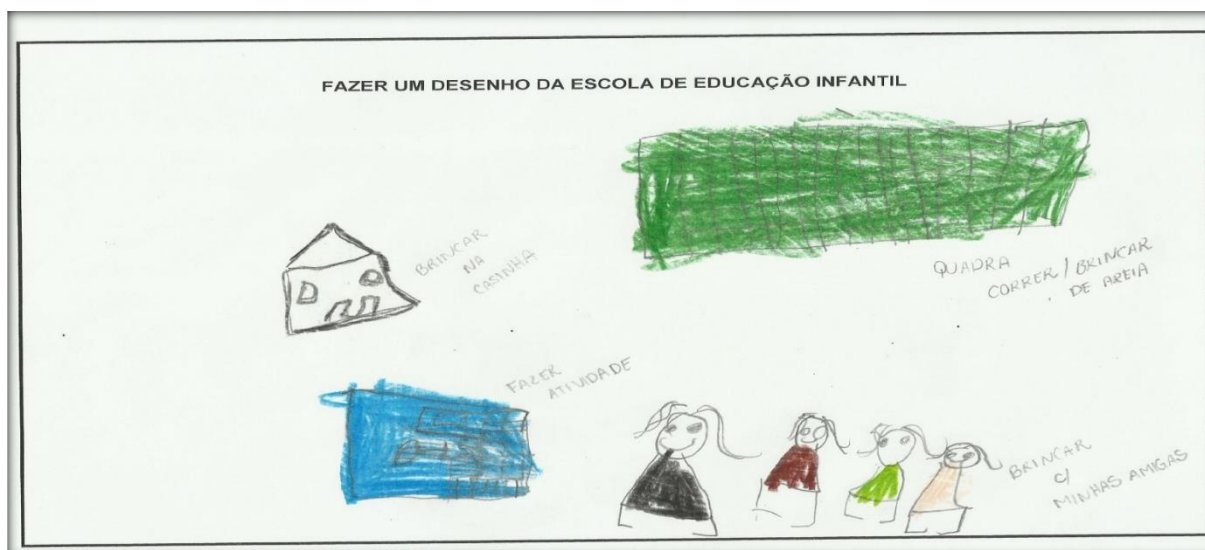


Figura 9: Escola de Educação Infantil representada pela criança Lalá

A figura nº 9 expressa como a criança vivencia a cultura de pares, entendida por Corsaro como “[...] um conjunto estável de atividades e rotinas, artefatos, valores que as crianças produzem e compartilham na interação entre pares” (1997, p.95). O autor destaca que, coerente com seu caráter de produção cultural, ela é pública, coletiva e envolve performances sociais.

Diante do exposto, posso inferir que as relações estabelecidas pelas crianças com os espaços e com as pessoas demarcam que brincadeira é uma das manifestações do universo da criança.

O ideal seria que as escolas e professores não transformassem esse primeiro ano com crianças de 6 anos na antiga primeira série.

No entanto, não se trata de transferir para as crianças de 6 anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de suas crianças (Brasil, 2007, p.17)



Figura 10: Escola de Educação Infantil representada pela criança Cacá

Pesquisadora: Ei, Cacá, Bom dia!

Cacá (criança): Bom Dia!

Pesquisadora: Você gosta da nossa creche?

Cacá (criança): Sim, muito.

Pesquisadora: O que você mais gosta de fazer aqui?

Cacá (criança): Eu gosto de fazer atividades e brincar com meu amigo. É uma delícia brincar com meu amigo!

Pesquisadora: Vocês brincam de que?

Cacá (criança): Nós brincamos com as pecinhas de lego, montamos um montão de coisa, fazemos garagem; Brincamos de carrinho, de bola, de pega pega. Nós divertimos muito, Jogamos futebol na quadra e meu time foi campeão.

Pesquisadora: Quais atividades de sala Cacá, que você mais gosta de fazer?

Cacá (criança): Eu gosto de fazer a ficha com meu nome, de desenhar e colorir. Conheço todas as letras do alfabeto e sei contar até 30.

Na conversa com Cacá e em seu desenho, a criança demonstra como é importante as interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são mais próximas e com o meio que as circundam, por meio das brincadeiras. Cacá relata também sobre os momentos das atividades de sala, a escrita do nome é muito relevante para ele.

Podemos concluir que, aparentemente simplória, a atividade de cópia de um modelo de escrita convencional mais que revela aprendizagens importantes para quem está começando a ser alfabetizado. Para a criança a escrita do nome próprio é chave na alfabetização, por alguns motivos, primeiro porque ele é uma escrita dotada de muitos significados para as crianças, é um texto mais próximo da criança. Sabemos que ele é uma escrita que unifica uma escrita que individualiza, porque é uma escrita que representa a primeira marca do indivíduo. Através da escrita do nome as crianças reafirmam sua presença e sua participação naquele grupo.



Figura 11: Escola de Educação Infantil representada pela criança Carol

Na realização dos desenhos sobre a Educação Infantil, fui surpreendida pelo desenho da Carol, pois foi à única criança que representou a instituição vista pelo lado de fora. Destacamos que ela desenhou o muro e suas pinturas, o portão de entrada e da quadra. Desenhou ainda sua mãe, levando-a para a escola, assim como uma coleguinha que também estava acompanhada pela mãe. Ela reafirma que a mãe tem papel importante em sua trajetória escolar, já que deixou explícito para a pesquisadora que desenharia a mãe.

3.2 POSSÍVEIS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL APONTADA PELAS CRIANÇAS

As expectativas das crianças com relação ao Ensino Fundamental, baseadas nos desenhos e conversas, apontam que elas estão convictas que os momentos de brincadeiras acontecerão de forma esporádica, sendo priorizadas atividades de alfabetização sistematizada.

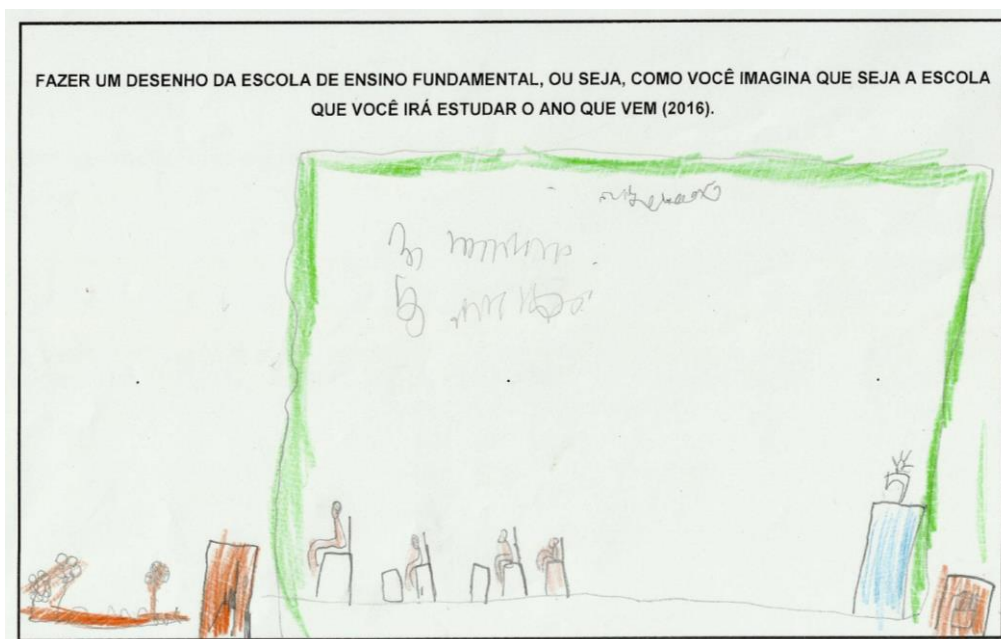


Figura 12: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Tonico

Como afirmam Neves, Gouveia e Castanheira (2011), a brincadeira está presente na organização diária das rotinas das instituições infantis. Já a escola de Ensino Fundamental as brincadeiras são colocadas em segundo plano. O gráfico abaixo revela as expectativas das crianças com relação às brincadeiras no Ensino Fundamental:

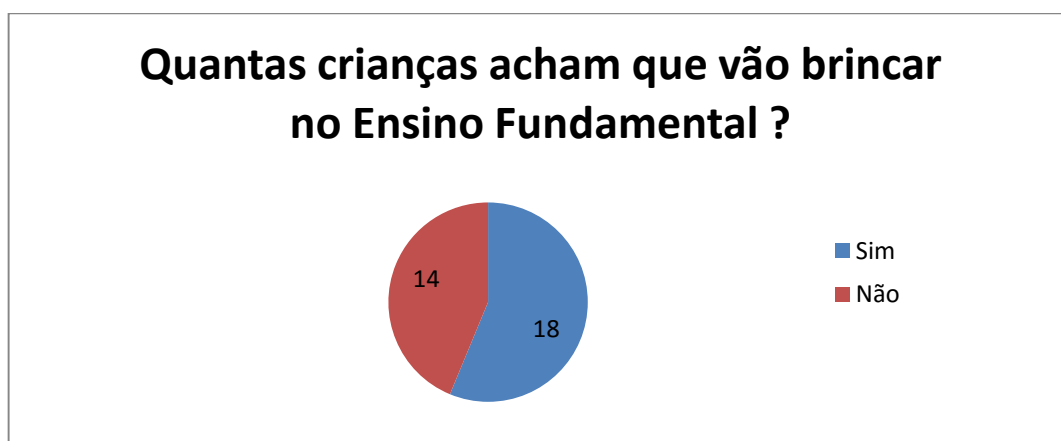


Gráfico 2: Quantas crianças acham que vão brincar no Ensino Fundamental
 Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir das respostas dos alunos das turmas Pré II A (atendimento integral) e Pré II C (atendimento parcial tarde)

De acordo com o gráfico, observa-se que as crianças percebem que o momento de brincar acontecerá, porém, com uma nova organização na rotina diária das aulas. Como mostra a conversa com a criança Joca:

Pesquisadora: Você acha que a escola de Ensino Fundamental tem tempo para brincadeiras?

Joca (criança): Sim, mas nas aulas de Educação Física jogamos futebol e basquete. A professora brinca com nós de dança das cadeiras e corre cutia. E as meninas brincam de pular corda, bambolê, queimada.

No Ensino Fundamental, o brincar fica restrito às aulas de Educação Física e ao horário do recreio. Como afirma Márcia Mariana Santos de Oliveira¹⁰ “com isso, os tempos e espaços de brincar ficam em segundo plano, sendo permitido às crianças a brincadeira nos intervalos das atividades de leitura e escrita, o que causa grandes conflitos entre crianças e professora.” (2014. p. 9)

Quando perguntadas se desejam ir para o Ensino Fundamental, a maioria das crianças relata que sim. Isso demonstra que apesar do desafio do desconhecido, elas já compreendem a cultura do Ensino Fundamental como sendo diferente da Educação Infantil e atribuem importância a ela. Abaixo segue o gráfico com os dados coletados na conversa:



Gráfico 3: Comparativo entre crianças que desejam e não desejam ir para a escola de Ensino Fundamental

Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir das respostas dos alunos das turmas Pré II A (atendimento integral) e Pré II C (atendimento parcial tarde)

¹⁰ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Bolsista de Iniciação Científica PROPESQ/UFJF no Grupo de Pesquisa LINFE.

Pesquisadora: Você deseja ir para a escola de Ensino Fundamental?

Lili (criança): Quero sim

Pesquisadora: Você sabe qual escola que irá estudar ano que vem?

Lili (criança): Margarida¹¹

Pesquisadora: Porque você gostaria de estudar de ir para a escola Margarida?

Lili (criança): Eu conheço, já passei lá perto. A minha vizinha que é minha amiguinha estuda lá.

Pesquisadora: Como você gostaria que fosse sua professora nova?

Lili (criança): Como a Tia Cláudia, a professora atual, a criança dá algumas características físicas, e diz que a professora a ajuda nas atividades de cortar e recortar o nome, e deixa a gente brincar.

Pesquisadora: E na outra escola será que tem brincadeiras?

Lili (criança): Tem sim, lá tem uma quadra grande para brincar e dançar quadrilha.

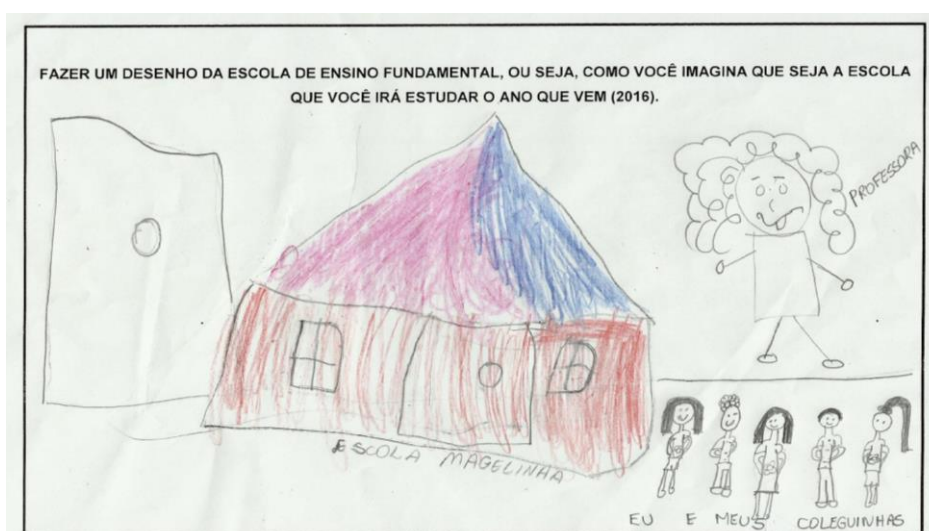


Figura 13: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Carol

Pesquisadora: Você sabe que no ano que vem você vai para outra escola? E você sabe qual é? E você quer ir?

Carol (criança): Quero sim. Vou estudar no Magelinha¹²

Pesquisadora: Por quê?

Carol (criança): Para eu saber muitas coisas.

Pesquisadora: E o que você quer saber?

Carol (criança): Escrever o nome da minha Mãe inteiro.

Pesquisadora: Como você gostaria que fosse sua nova professora?

Carol (criança): Ela é morena, boazinha, Kátia¹³.

Na conversa com a criança Jane, ela deixou explícito o quanto ela sente prazer ao fazer as atividades de sala de aula. De maneira geral, as crianças demonstram interesse em realizar as atividades propostas pela professora.

¹¹ Escola Municipal Margarida Soares Guimarães

¹² Escola Municipal Geraldo Magela Diniz

¹³ É provável que Kátia seja a professora do irmão mais velho de Carol.



Figura 14: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Cacá

O prazer das atividades livres que aconteciam na instituição de Educação Infantil é substituído pelo direcionamento das atividades de alfabetização e letramento do Ensino Fundamental. Aqui se inicia um conflito, onde a liberdade de expressão da criança passa a ser delimitada por uma lógica de trabalho a ser desenvolvida pelo professor. A conversa com Lili demarca como a rotina da escola de Ensino Fundamental é mais engessada e com um olhar alfabetizador:

Pesquisadora: E você sabe que na escola nova tem para casa?

Lili (criança): Sim, tem que levar o caderno para casa, escrever, escrever, escrever até. Na outra escola vai ter que saber ler, escrever o nome todo de letra cursiva.

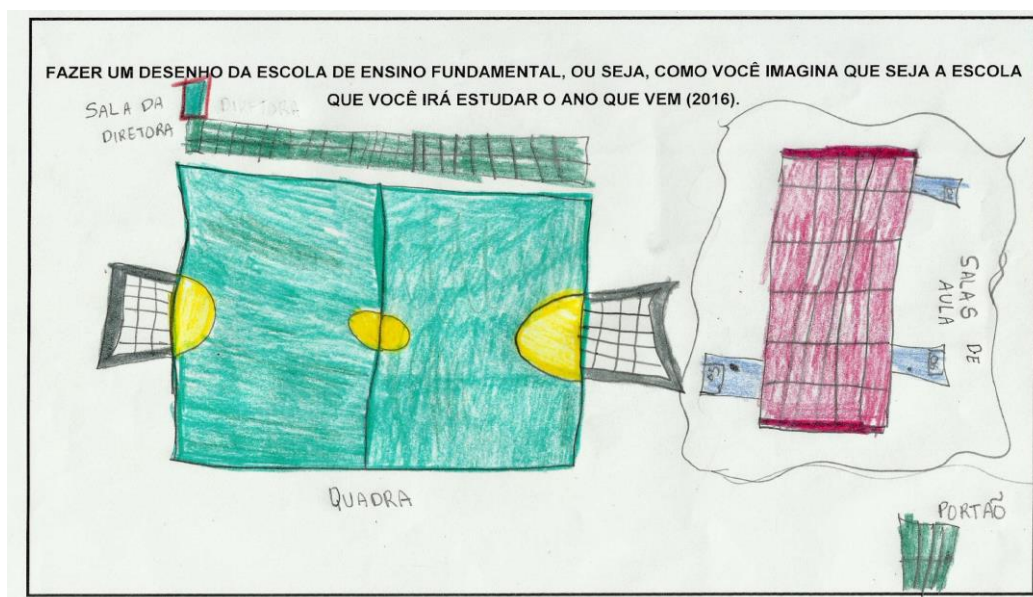


Figura 15: Escola de Ensino Fundamental representada pela criança Joca

Pesquisadora: Você sabe que o ano que vem terá que ir para outra escola, você deseja ir para a escola de Ensino Fundamental?

Joca (criança): Sim, eu quero. Eu vou estudar no CETAP¹⁴

Pesquisadora: Você conhece o CETAP? Como é a escola?

Joca (criança): Sim, já fui lá O CETAP é uma escola grande e bonita. Tem uma quadra para jogar futebol.

Pesquisadora: Como você gostaria que fosse sua professora na nova escola?

Joca (criança): Uma professora legal. Que deixe eu brincar de massinha e que me ensine a ler.

Pesquisadora: Joca, você sabe que na escola do ano que vem, terá para casa? Você gosta de fazer para casa?

Joca (criança): Eu sei por que minha irmã estuda no CETAP, ela leva para casa. Eu gosto de fazer para casa de colorir e escrever.

¹⁴ CETAP – Centro Educacional Técnico e Artes Profissionais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guimarães Rosa (1983, p.142), expressa que: “Contar é tão dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares...” Esta frase inspira e revela bem o que eu sinto ao narrar a minha história: a inquietação de buscar minhas memórias e vivências, a fim de evocar lembranças que traduzam as vivências das crianças.

Remendando os retalhos de minha colcha, percebo agora, enquanto escrevo que a Tia Iraci pode ter mesmo sem intenção, contribuído para que eu internalizasse um nível de uma expectativa de que o Ensino Fundamental exigiria de mim muitas habilidades e competências.

Quando faço o resgate da memória, detalhando as características da professora do Ensino Fundamental, fica claro que, como aluna, houve por minha parte, certa resistência e aceitação por acreditar que a minha professora da Pré-escola era a ideal.

Sendo assim, a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental deve ter o foco nas necessidades das crianças para que elas não se sintam desmotivadas ou frustradas. Nesse sentido, o diálogo entre os profissionais nos dois níveis de ensino seria uma forma de garantir uma passagem que respeite as trajetórias, identidade e aspirações das crianças.

É preciso que os professores atentem para como tratar e lidar com as crianças nesta fase, fazendo transparecer que a transição é tranquila e não indicando, mesmo que de forma sutil, que esta passagem é brusca e preocupante.

Além disso, para preparar as crianças para essa transição de forma tranquila, sugere-se que a professora da educação infantil comece a inserir em sua prática pequenas características do método utilizado no ensino fundamental.

Retomo aqui o objetivo desta pesquisa, que é identificar e analisar as expectativas das crianças de cinco anos do CIM Santa Inês sobre a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, onde posso de certa forma fazer um arremate, tecendo que a pesquisa aponta ao registrar a experiência infantil sugerindo um trabalho que priorize a criança.

Durante a pesquisa, com as bases teóricas pesquisadas para sua realização e todo o contato com as crianças, consegui perceber e compreender a importância de repensar a infância, de modo que se garanta a continuidade de um trabalho que as

valorize e suas respectivas idades, respeitando suas especificidades e os objetivos dos níveis educacionais.

As crianças têm certa consciência que irão enfrentar mudanças ao frequentarem um novo ambiente, o que provoca certo entusiasmo pela novidade, mas também certa preocupação, um sentimento de ansiedade e ao mesmo tempo de medo. São sentimentos e até mesmo de expectativas que devem ser trabalhados e considerados.

Acredito, nesse contexto, que as crianças revelam, ao desenharem e nas conversas ouvidas por mim pesquisadora, demonstrando aspectos importantes da sua infância. Apontaram as singularidades que conjugam vivências e experiências educativas, de como se constitui, se forma e reflete/ realiza no cotidiano da escola.

Trazendo à tona a importância de oferecer uma educação que prioriza a ludicidade, uma educação não apenas como um aprimoramento dos aspectos cognitivos, mas uma educação que considere a criança em todas as suas dimensões.

Reafirmo o quanto valeu a pena pesquisar as expectativas das crianças da Educação Infantil para a Escola de Ensino Fundamental. Este tema abriu um gancho para novas descobertas com maestria, onde sobre o olhar da criança conseguir problematizar as concepções de Educação Infantil e do Ensino Fundamental, reveladas nas conversas e nos desenhos produzidos pelas crianças.

E, para concluir, fecho a minha colcha de retalhos citando as sábias palavras de Paulo Freire

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento sei que posso ir mais além dele. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta das forças sociais que não se faz fora da tensão entre o que herdo geneticamente, e o que herdo social, histórica e culturalmente tem muito a ver comigo mesmo (FREIRE, 1997, p. 53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel González. A construção social da infância. In: **Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos**. Belo Horizonte: CAPE, 1994, p. 11-7.

ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. 1908. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm10.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2015.

BAPTISTA, Mônica Correia. **Alfabetização e letramento em classes de crianças menores de sete anos**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BOGDAN, R.C. BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1991. BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069**, de 13 de julho de 1990. ECA _Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei N° 11.274**, de 02 de fevereiro de 2006 (?)

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Org. Jeante Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANCISCHINI, Rosângela. **A investigação com crianças: especificidades teórico-metodológicas**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação Vitória da Conquista. Ano II n. 2 p. 69-77. 2004. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3789/pdf_118>. Acesso em: 18. Nov. 2015.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Crêches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília : MEC, SEB, 2009.

CARVALHO, Janaina Nogueira Maia. **Concepções de infância e educação infantil: reflexões iniciais**. 2008. Disponível em: <<http://www.neppi.org/anais/Educa%E7O%60o%20b%E1sica/CONCEPA~iES%20D E%20INFANCIA%20E%20EDUCAA~+O%20INFANTIL%20%20REFLEXiES%20INI CIAIS.pdf>>. Acesso em 08. Out.2015.

CORREA, Bianca Cristina. Educação infantil e ensino fundamental: desafios e desencontros na implantação de uma nova política. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 105-120, jan./abr. 2011. GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Trad. Eric. Nepomuceno. Ilustrações de J. Borges, Porto Alegre: L&PM, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **Infantia: entre anterioridade e a alteridade**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

HAMZE, Amélia. **As legislações do ensino fundamental de nove anos**. Disponível em: <<http://educador.brasilescola.com/politica-educacional/ensino-fundamental-de-nove-anos.htm>>. Acesso em 20. Out. 2015.

KOHAN, Walter O. **Infância: entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Educação: experiência e sentido, 3)

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda R.; e CORSINO, Patrícia. **Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>>. Acesso em: 20. out. 2015.

KRAMER, Sonia. A infância e a sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental. **Educação e sociedade**. Campinas: Cedes, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

KRAMER, Sonia. **O papel da educação infantil na formação do leitor: descompassos entre as políticas, as práticas e a produção acadêmica**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação infantil**. 2012. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>>. Acesso em 08. Out.2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. **De crianças a alunos: a transição da educação infantil para o ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2014.

Müller, 2006

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de; e CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n 1. 220 p. 121-140, jan./abr.2011.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Um Estudo de caso**. 2010. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Oliveira, 2002

OLIVEIRA, Márcia Mariana Santos de. **PRÁTICAS COTIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NA TRANSIÇÃO AO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. II Simpósio Brasileiro em Estudos da Criança: Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos**, Porto Alegre, v. 01, n. 01, p.01-12, ago. 2014.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças: contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

ROCHA, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SANTOS, Lucíola L. de C. P. e VIEIRA, Livia M. F. (2006). **“Agora seu filho entra mais cedo na escola”**: a criança de seis anos no ensino fundamental de nove anos em Minas Gerais. *Educação e Sociedade, Campinas*, vol. 27, n. 96 – Especial p. 775-796.

SIEBERT, R. O adulto frente à criança: ao mesmo tempo igual e diferente. BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S.. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos – uma abordagem reflexiva**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

Souza, Gizele de. (2008)

STASIAK, Gisele Regina. **Transição ao primeiro ano do ensino fundamental: percepção do estresse pelas crianças, suas características psicológicas e variáveis do seu contexto familiar**. 2010. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

ANEXO 1

A pesquisadora pergunta para Nina se ela deseja ir para escola de Ensino Fundamental, explicando para ela que o ano que vem ela vai ter que ir para outra escola, pois ela vai formar, estará completando 6 anos.

Nina diz: Não quero ir para outra escola, porque gosto mais desta, da minha escola (Educação Infantil), mas depois a pesquisadora continua reafirmando para Nina que ela vai ter que ir para outra escola ano que vem, pois inclusive vai ter formatura no final do ano.

A pesquisadora pergunta se ela sabe qual escola irá estudar o ano que vem. Nina diz que estudará no Margarida.

Nina diz mais uma vez que não quer ir para outra escola. Por que, princesa? Porque tem nome feio. Por fim, ela diz que quer ir para a Escola Margarida.

E você conhece a Escola Margarida?

Nina balança a cabeça que sim, e fala é pertinho da minha casa;

Como é o Margarida?

Nina diz: Eu nunca entrei lá, eu só sei como é o parquinho. Tem umas salas que eu sei como são. Mas lá tinha um parquinho que tirou, com escorregador, giragira, tem amarelinha. Tem uma sala lá que tem um balcão preto.

A pesquisadora fala que a escola deve ser bem legal.

Nina diz: meu irmão estuda lá, eu vou estudar lá mais de tarde porque (meninas estudam só a tarde).

E sua professora nova? Como você gostaria que ela fosse...

Calma. (deu umas características físicas/ loura, de cabelos cacheados) relembrou da professora do ano passado: Professora Carminha era muito boazinha – quero que minha professora seja assim. Como ela ensinava? Ensinava brincando, ela brincava com a gente, ensinava a atividade.

E você sabe que na outra escola tem Para Casa? Você gosta de fazer Para Casa, Dever?

Aí não porque tem que escrever, escrever. Meu irmão só tem para casa difícil (ASSOCIA O PARA CASA AO IRMÃO QUE JÁ ESTÁ NO ENSINO FUNDAMENTAL/ ELA FAZ UMA EXPRESSÃO DE PREOCUPAÇÃO);

A pesquisadora diz que o Para Casa é uma atividade.

Neste momento, Tônico que estava fazendo o desenho para a pesquisadora entra na entrevista dizendo:

Eu sei como é o Para Casa tem que fazer umas letras bem juntinhas.

Como são essas letras Tônico, me explica? É juntinha, tem os números.

Nina diz não é assim, as letras são todas, tudo enroladinhas. Este Dever é difícil, minha mãe quando ensina o Para Casa para meu irmão fica brigando com ele. Ele não consegue fazer.

Este para casa tem que descobrir todos os negócios.

Nina, e você sabe se lá na Escola Margarida tem brincadeiras? São muitas brincadeiras ou poucas?

Muito poucas. A gente fica estudando o tempo todo. Bateu o recreio a gente pode levar misto, pizza, pode levar merenda.

E você Tônico, quer ir para outra escola? Você sabe qual escola você vai estudar?

Sim eu quero. Eu vou estudar no Clóvis.

E você já foi lá? Você conhece?

Sim, minha irmã estuda lá.

E como é lá?

Lá tem uma quadra grandona, eu já vi minha irmã apresentar lá, fui à sala dela.

E como é a sala dela? Tem uma televisão.

Como você gostaria que fosse sua professora?

Calma, para mim ajudar Tônico fala de uma característica física);

O que você gosta de fazer na escola?

Jogar bola.

Assim termina a entrevista: A pesquisadora agradece as crianças, dizendo que espera que elas sejam muito felizes na escola de Ensino Fundamental, assim como elas são na Escola de Educação Infantil.

Foi incrível! As crianças, especialmente a Nina, pediram para ver o vídeo com a conversa.. Nina completa: Eu sou muito curiosa.

Mas gostaria de salientar que, transcrever a conversa para o papel me angustia, pois parece que não consigo expressá-la com riqueza de detalhes. Penso ser uma arte conseguir reportar para o leitor todas as informações descritas.

ANEXO 2

A pesquisadora pergunta para Lili se ela deseja ir para a escola de Ensino Fundamental?

Lili diz: Quero sim

Você sabe qual escola que irá estudar ano que vem?

Margarida (Escola Municipal Margarida Soares Guimarães)

Porque você gostaria de estudar de ir para a escola Margarida?

Eu conheço, já passei lá perto. A minha vizinha que é minha amiguinha estuda lá.

Como você gostaria que fosse sua professora nova?

Como a Tia Cláudia, a professora atual, a criança dá algumas características físicas, e diz que a professora a ajuda nas atividades de cortar e recortar o nome, e deixa a gente brincar.

E na outra escola será que tem brincadeiras?

Tem sim, lá tem uma quadra grande para brincar e dançar quadrilha.

Os meninos jogam bola e as meninas torcem por eles.

E você sabe que na escola nova tem para casa?

Sim, tem que levar o caderno para casa, escrever, escrever, escrever até.

Na outra escola vai ter que saber ler, escrever o nome todo de letra cursiva.

- **Neste mesmo dia entrevistei o Joca.**

Joca, você sabe que ano que vem terá que ir para outra escola, você deseja ir para escola de Ensino Fundamental?

Sim, eu quero. Eu vou estudar no CETAP (Centro Educacional Técnico e Artes Profissionais).

Você conhece o CETAP? Como é a escola?

Sim já fui lá; O CETAP é uma escola grande e bonita; Tem uma quadra para jogar futebol.

Como você gostaria que fosse sua professora na nova escola?

Uma professora legal que deixe eu brincar, que deixe eu brincar de massinha; Que me ensine a ler.

Você acha que na escola de Ensino Fundamental tem tempo para brincadeiras?

Sim mas nas aulas de Educação Físicas, jogamos futebol, basquete;

A professora brinca com nós de danças das cadeiras e corre cutia. E as meninas brincam de pular corda, bambolê, queimada.

Joca, você sabe que na escola do ano que vem, terá para casa? Você gosta de fazer para casa?

Eu sei por que minha irmã estuda no CETAP, ela leva para casa;

Eu gosto de fazer para casa de colorir e escrever.